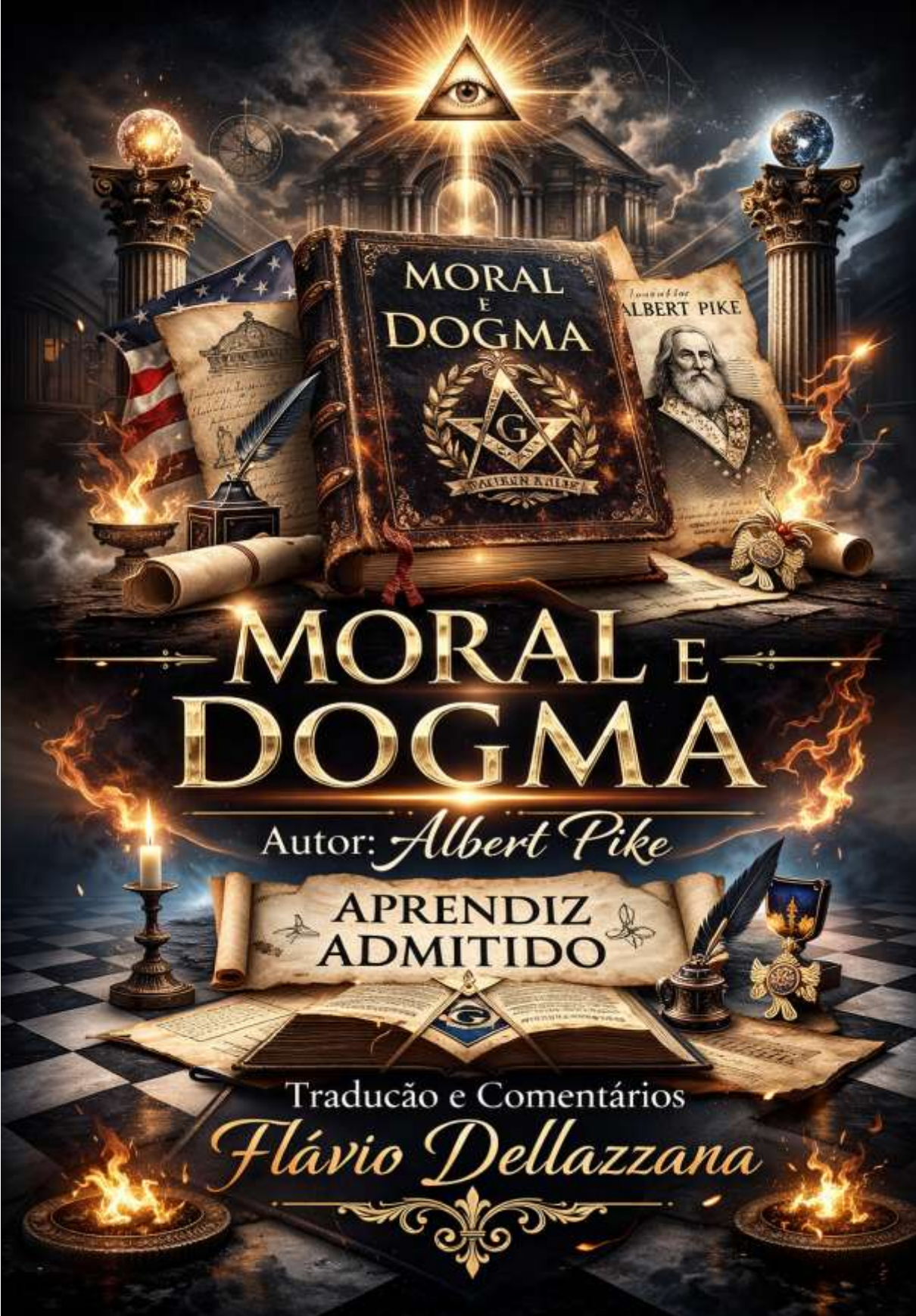




MORAL
E
DOGMA

Escrito por
ALBERT PIKE

MORAL E
DOGMA

Autor: *Albert Pike*

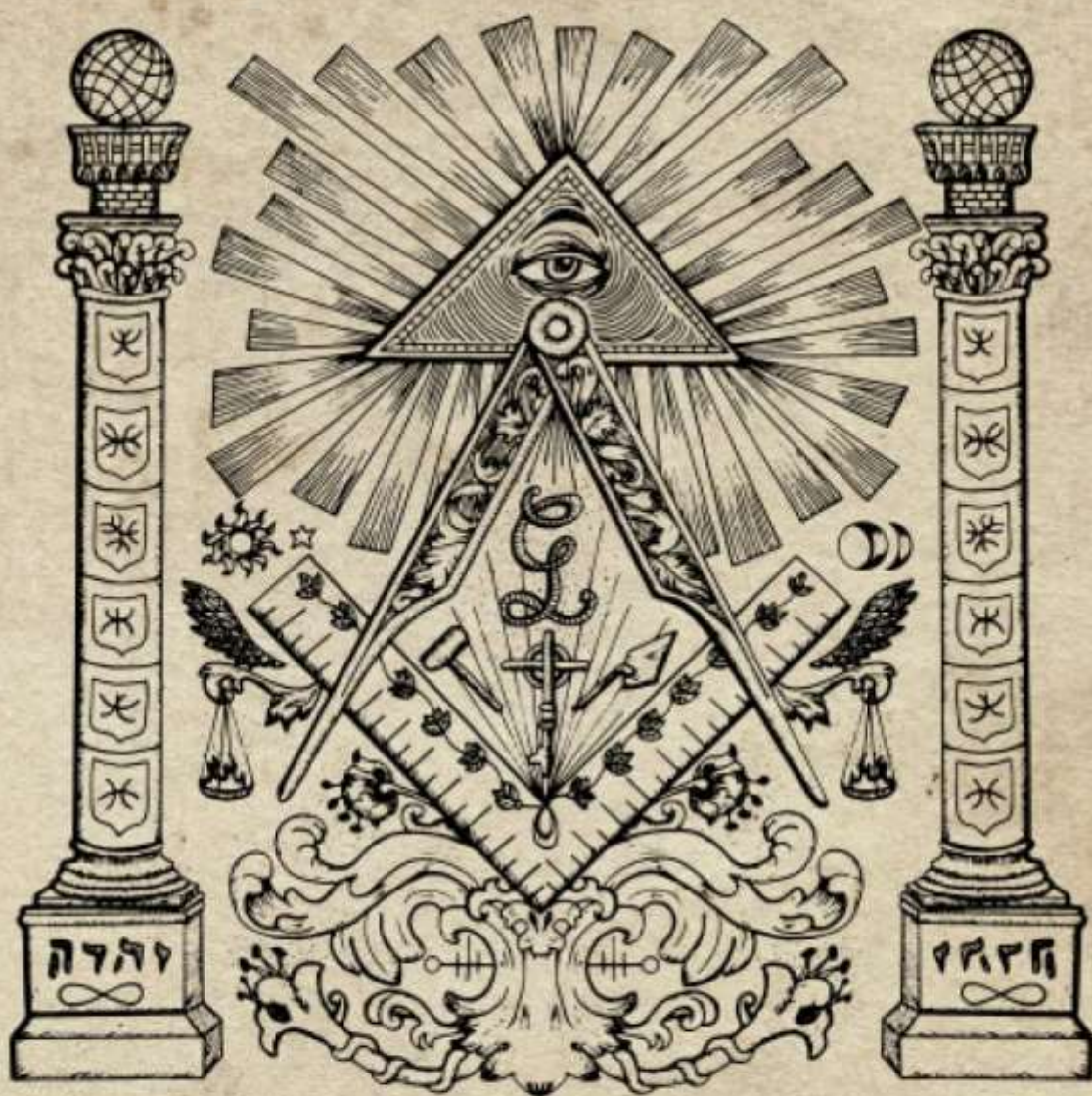
APRENDIZ
ADMITIDO

Tradução e Comentários

Flávio Dellazzana

MORALS & DOGMA

of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry



ALBERT PIKE

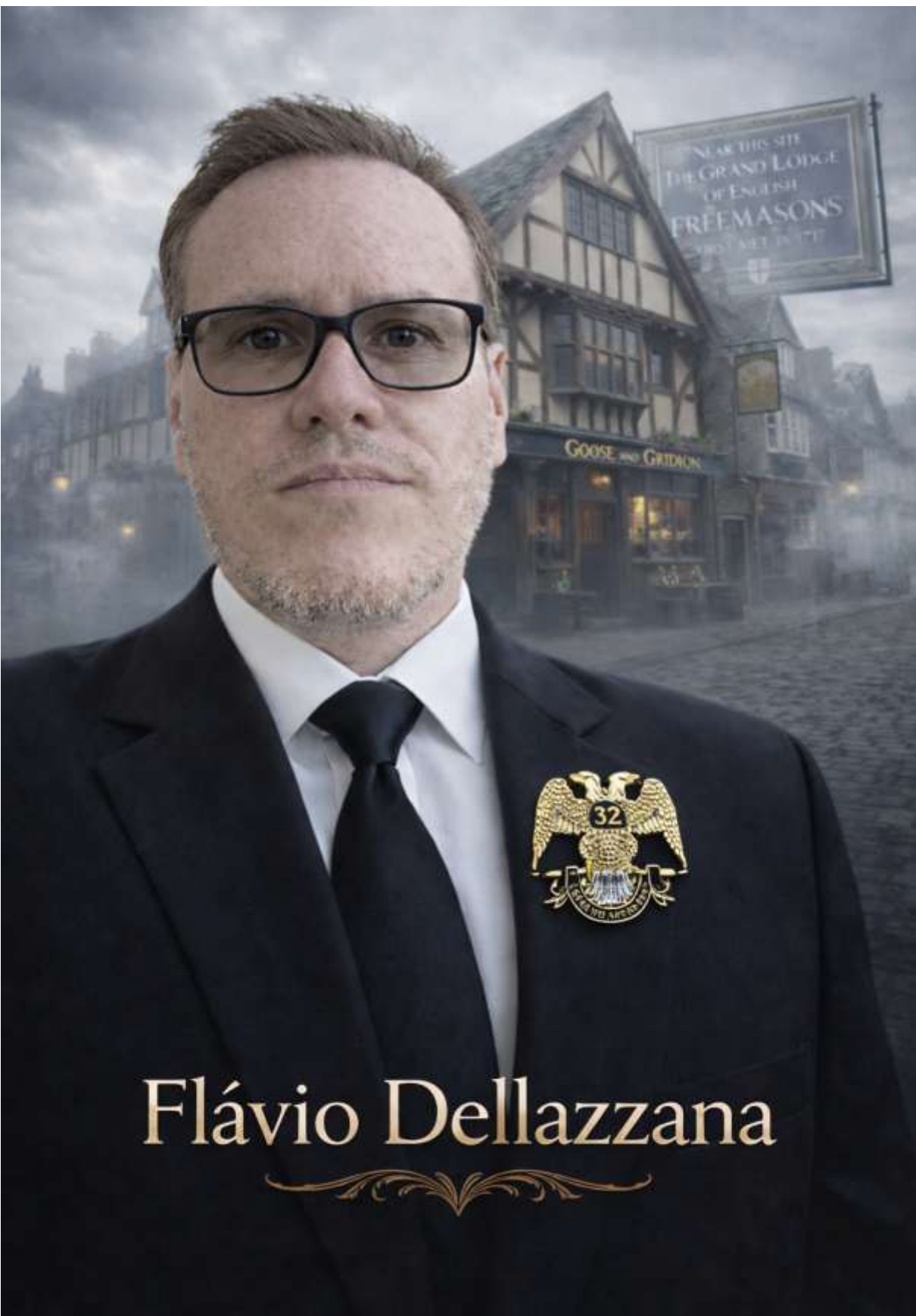
MORAL E DOGMA

Autor: Albert Pike

Aprendiz Admitido

Tradução e Comentários

Flávio Dellazzana



Flávio Dellazzana



Nota do Tradutor / Comentarista

Convém esclarecer ao Irmão, antes de avançar pelas próximas páginas, a forma como este livro foi organizado, para que a leitura se faça com consciência do método e não somente com atenção ao conteúdo, pois aqui a disposição do texto não é um artifício editorial, mas um convite a acompanhar o pensamento em seu próprio ritmo, reconhecendo onde termina a voz de Pike e onde começa o trabalho pessoal.

Os trechos apresentados em preto correspondem ao texto original de Albert Pike, traduzido a partir de uma versão histórica de *Morals and Dogma*, publicada em 1914, mantendo-se, tanto quanto possível, a estrutura, o tom e o encadeamento argumentativo do autor, e essa escolha não nasce de uma preferência abstrata por edições antigas, mas de um percurso concreto de guarda e transmissão, pois o exemplar utilizado foi obtido nos Estados Unidos por Edelson Naschenweng quando visitava uma Loja no período em que exercia o cargo de Grão-Mestre do Grande Oriente de Santa Catarina — GOSC, passando depois a Margareth, sua viúva e tia do Irmão Luciano Elias Soares, que mais tarde me presenteou com este mesmo volume, de modo que a fonte aqui consultada não é somente um registro impresso, mas também um objeto que atravessou responsabilidades, afetos e tempos distintos, trazendo consigo a marca discreta de uma continuidade.



MORALS AND DOGMA
OF THE
ANCIENT AND ACCEPTED SCOTTISH RITE
OF
FREEMASONRY

PREPARED FOR THE
SUPREME COUNCIL OF THE THIRTY-THIRD DEGREE,
FOR THE
SOUTHERN JURISDICTION OF THE UNITED STATES,
AND
PUBLISHED BY ITS AUTHORITY.

CHARLESTON,
A. D. M. 5641

MORALS AND DOGMA.



L

APPRENTICE.

THE TWELVE-INCH RULE AND THE COMMON GAVEL.

Force, unregulated or ill-regulated, is not only wasted in the void, like that of gunpowder burned in the open air, and steam unconfined by science; but, striking in the dark, and its blows meeting only the air, they recoil, and bruise itself. It is destruction and ruin. It is the volcano, the earthquake, the cyclone;—not growth and progress. It is Polyphemus blinded, striking at random, and falling headling among the sharp rocks by the impetus of his own blows.

The blind Force of the people is a Force that must be economized, and also managed, as the blind Force of steam, lifting the ponderous iron arms and turning the large wheels, is made to bore and rife the cannon and to weave the most delicate lace. It must be regulated by Intellect. Intellect is to the people and the people's Force, what the slender needle of the compass is to the ship—its soul, always counselling the huge mass of wood and iron, and always pointing to the north. To attack the citadels built up on all sides against the human race by superstitions, despotisms, and pre-

Cabe aqui registrar um agradecimento especial ao Irmão Luciano Elias Soares, não somente pelo presente deste exemplar histórico, mas pela consciência silenciosa que acompanha quem guarda um volume como este, compreendendo que certos livros não pertencem integralmente a um homem, e que preservá-los e repassá-los é uma forma discreta de servir à continuidade da Obra, permitindo que futuras gerações encontrem, nas mesmas páginas, não somente palavras antigas, mas também a dignidade de uma herança preservada com responsabilidade e respeito.

Trata-se de uma linguagem marcada por seu tempo, com referências filosóficas, políticas e simbólicas próprias do século XIX, e por isso carrega uma densidade que exige leitura calma, sem pressa de conclusão, pois Pike escreve como quem constrói um edifício intelectual, não como quem oferece explicações rápidas.

Quando esse edifício é reencontrado por um Irmão em outra época, a leitura se transforma numa forma de presença, na qual o passado não se impõe, mas se deixa visitar, solicitando discernimento, paciência e responsabilidade na interpretação.

Os trechos apresentados em azul constituem meus acréscimos, comentários e interpretações.

Eles não têm por objetivo substituir Pike, corrigir sua voz ou reduzir sua profundidade, mas servir como ponte entre o texto clássico e o leitor contemporâneo, ajudando a reconhecer o sentido moral, simbólico e iniciático.

O comentário não deve ser lido como doutrina definitiva, mas como acompanhamento, como quem caminha ao lado do leitor e indica caminhos possíveis de compreensão, preservando o espaço interior onde cada símbolo amadurece no tempo próprio.

Essa alternância entre o texto original e o comentário foi pensada como método de estudo, de modo que a obra se torne não somente uma tradução, mas também um itinerário de leitura, em que cada passagem de Pike é seguida por uma reflexão que busca integrá-la ao espírito da Maçonaria praticada em Loja.

Em certos momentos, o leitor encontrará observações mais históricas, em outros, interpretações mais simbólicas, e em outros ainda, aplicações morais voltadas à vida prática, pois a proposta não é transformar o texto em tratado acadêmico, mas em instrumento de trabalho interior.

Solicito, portanto, que o Irmão se permita ler lentamente.

Que receba primeiro a palavra de Pike como quem observa uma pedra recém-extraída, ainda bruta, com suas arestas e seu peso.

Em seguida, que acolha o comentário como tentativa de lapidação, não para alterar a pedra, mas para revelar melhor suas linhas, suas proporções e suas possibilidades de encaixe na Obra.

Assim, tradição e interpretação caminham juntas, e o texto se torna diálogo entre tempos, não repetição mecânica.

Se ao final destas páginas o leitor perceber que não recebeu respostas prontas, mas instrumentos para pensar com mais rigor, para enxergar com mais profundidade e para viver com mais coerência, então o propósito terá sido cumprido, pois a verdadeira instrução não encerra o símbolo, ela o abre, e ensina o homem a caminhar com ele até que sua própria consciência se torne digna da Luz que busca.



ANTES DO NASCIMENTO DE MORAL DE DOGMA

Antes que a primeira linha de Albert Pike seja colocada diante dos olhos do irmão, convém oferecer um breve recuo, não como ornamento, mas como chave de leitura, porque nenhum livro nasce fora do tempo e nenhuma voz escreve no vazio, e Moral e Dogma pertence a uma época em que o mundo ocidental atravessava mudanças rápidas, com o avanço da indústria, a expansão das ferrovias e da imprensa, a consolidação de novas ciências.

O momento favorecia o amadurecimento de tensões sociais e religiosas que já não cabiam nas fórmulas antigas, enquanto os Estados Unidos, em especial, carregavam no corpo e na memória as marcas de uma guerra civil recente, com feridas abertas na política, na economia e na ideia de unidade nacional.

É nesse ambiente de reconstrução, debates acalorados e busca por identidade que a obra ganha contorno, ao conversar com um país que tentava compreender a si, e com um mundo que parecia acelerar a marcha sem solicitar licença à tradição, fazendo com que palavras sobre dever, virtude, liberdade e consciência soassem ao mesmo tempo como herança e como desafio.

Nesse mesmo espírito, uma pequena biografia do autor auxiliará o leitor a reconhecer a mão que escreveu, e o horizonte que moldou sua linguagem, porque Pike não foi somente um erudito sentado diante de livros, mas um homem do século XIX, formado numa cultura de retórica, direito, política e conflito, com fama de leitor voraz, inclinação para a síntese de fontes antigas e modernas e uma ambição intelectual que buscava organizar, em discurso contínuo, aquilo que via como heranças filosóficas, religiosas e morais capazes de orientar a vida e a Maçonaria.

O Irmão, ao saber, ainda que brevemente, quem foi esse autor, aprenderá a distinguir com mais serenidade aquilo que pertence ao seu tempo, aquilo que pertence à sua personalidade e aquilo que, por atravessar épocas, continua provocando a consciência humana a pensar e a escolher com responsabilidade, pois compreender o autor não é prestar culto à figura, mas situar a obra no lugar certo, onde ela pode ser lida com liberdade e rigor, sem submissão e sem caricatura.

Quando se observa Albert Pike escrevendo sobre os graus simbólicos, percebe-se que ele não está somente comentando um conjunto de cerimônias ou reunindo citações eruditas para ornamentar páginas, ele está arquitetando, desde as primeiras linhas, um tipo de disposição interior.

Uma inclinação deliberada para o raciocínio, para a história lida como memória viva e para os sistemas místicos e morais compreendidos como linguagens de sentido, de modo que os graus de Aprendiz Admitido, o Companheiro de Ofício e o Mestre Maçom não sejam vividos como degraus concluídos, mas como o começo de uma educação que solicita continuidade, silêncio fecundo e estudo perseverante, porque em Pike o símbolo não se esgota na imagem e nem a moral se reduz a conselho, ambos funcionam como instrumentos de despertar, como se a mente do Irmão fosse conduzida a experimentar o prazer de pensar com rigor e, ao mesmo tempo, a reconhecer que a tradição possui camadas, contextos, genealogias e comparações que ampliam a percepção do mundo.

E é justamente por isso que, sem forçar a leitura como dogma, torna-se plausível compreender que, ao tratar dos graus simbólicos, **Pike buscava criar no Irmão uma espécie de apetite, uma fome ordenada pelo estudo, capaz de transformá-lo em leitor atento e praticante consciente**, alguém que não se satisfaz com fórmulas repetidas, mas que aprende a perguntar, a comparar fontes, a distinguir épocas, a reconhecer a diferença entre o que é histórico e o que é interpretação, e a perceber que os sistemas místicos e morais, quando estudados com critério, não servem para confundir, mas para iluminar o caminho com múltiplas lâmpadas, cada uma lançando luz sobre uma face distinta da experiência humana.

Nessa perspectiva, os graus simbólicos funcionam como iniciação ao método de pensamento, e não somente à forma ritual, preparando o Irmão para que, no futuro, tenha não só curiosidade, mas também maturidade para atravessar os graus superiores, onde Moral e Dogma se expande até o 32º Grau, como um grande itinerário de ideias, referências e sínteses, exigindo do leitor um espírito já treinado para suportar a densidade do texto e, principalmente, para extrair dele aquilo que é útil à vida, sem cair na armadilha de confundir erudição com iluminação.

Pike escreve para formar, que nesse caso, significa preparar um Irmão para o mundo mais amplo do pensamento simbólico e moral, onde a Maçonaria deixa de ser somente pertencimento e é disciplina interior, uma forma de estudo e de ação.

Os graus simbólicos, para Pike, são uma porta para o que segue, não como continuidade obrigatória, mas como um convite a uma responsabilidade ampliada, aquela que nasce quando o Irmão descobre que a Obra não termina no que se vê na Loja, e que a continuidade, para quem se torna leitor e praticante, é menos um passo para fora e mais um aprofundamento em sua alma.





APRENDIZ — ALBERT PIKE
A RÉGUA DE DOZE POLEGADAS E O MARTELO DE CORTE

A força, quando não é regulada ou é mal regulada, não somente se desperdiça no vazio, como a pólvora que se queima ao ar livre ou o vapor que se dissipa sem ser contido pela ciência, mas também, golpeando na escuridão e encontrando somente o ar, recua sobre si e se fere.

Ela se torna destruição e ruína. É o vulcão, o terremoto, o ciclone, e não o crescimento e o progresso.

É Polifemo cego, golpeando ao acaso, e caindo de cabeça entre rochas afiadas pelo impulso de seus próprios golpes.

A força cega do povo é uma força que deve ser contida e também conduzida, assim como a força cega do vapor, que levanta os pesados braços de ferro e move grandes rodas, é utilizada para perfurar e raiair canhões e para tecer as rendas mais delicadas.

Ela precisa ser regulada pelo intelecto.

O intelecto é para o povo e para a força do povo aquilo que a agulha delicada da bússola é para o navio, sua alma, aconselhando sempre a enorme massa de madeira e ferro e apontando sempre para o norte.



Comentários:

Polifemo é uma figura da mitologia grega, um ciclope, ou seja, um gigante de um só olho, filho de Poseidon, que aparece sobretudo na Odisseia de Homero.

Ele vive isolado, afastado da ordem civilizada, sendo descrito como brutal, impulsivo e dominado por apetites primários, representando uma força imensa, porém sem medida e sem direção.

No episódio clássico, Ulisses o engana e o cega, e então Polifemo, tomado pela fúria, golpeia o vazio e avança às cegas, destruindo mais a si do que aos outros.

É exatamente essa imagem que Pike utiliza no texto, não como simples ornamento literário, mas como símbolo moral e político, porque Polifemo encarna a força quando ela perde a visão, isto é, quando a energia humana, coletiva ou individual, deixa de ser guiada pela inteligência, pela lei e pela consciência.

Assim, Polifemo não é somente um monstro mitológico, mas **uma metáfora do poder sem direção**, que se move com violência, porém sem finalidade superior, e por isso **se converte em ruína**, ainda que tenha nas mãos a capacidade de realizar grandes obras.



Comentários:

Há passagens em que Albert Pike abandona qualquer suavidade retórica e fala como quem deseja despertar, não impressionar, e este trecho é uma delas, porque nele a força deixa de ser celebrada como virtude automática, sendo examinada como risco quando se separa da justa medida.

O Aprendiz Admitido, ao ler essas linhas, pode imaginar que se trata de uma reflexão política, mas o sentido mais profundo é iniciático, pois, antes de existir a força do povo, existe a força do indivíduo, e antes de se falar em revoluções externas, é preciso compreender as internas.

Quando Pike compara a força desregulada à pólvora que se queima ao ar livre ou ao vapor que se dissipa sem direção, ele está falando da energia humana que não encontrou disciplina.

A Maçonaria, sobretudo no Grau de Aprendiz Admitido, não reprime a força, ela a educa.

O homem que ingressa na Loja traz consigo ambição, opinião, ímpeto, convicções, e nada disso é condenado em si, mas tudo isso precisa ser trabalhado como a pedra retirada da pedreira, porque aquilo que não é lapidado não se integra à Obra.

A força, isolada da razão e da consciência, não constrói, e sim explode e desestabiliza.

A imagem de Polifemo é simbólica e precisa ser lida com cuidado, pois o ciclope não é fraco, ele é gigantesco; **seu problema não é ausência de potência, mas ausência de visão**, pois, com um só olho, ele tem uma única perspectiva e nenhuma medida.

Quando cego, ele continua forte, porém sua força se converte em desorientação.

Aqui está a advertência silenciosa ao Aprendiz Admitido, pois **aquele que enxerga somente o próprio ponto de vista, que reage antes de compreender, que age antes de ouvir, transforma sua própria energia em ruína.**

A queda entre rochas afiadas é consequência do impulso sem direção.

No meu livro, *Os Fundamentos do Rito de York*, afirmei que o Aprendiz Admitido não deve buscar rapidez, mas enraizamento, porque compreender não é acumular respostas, é amadurecer perguntas, e isso exige serenidade interior.

Essa serenidade é o primeiro freio da força, o silêncio que antecede a palavra é o primeiro exercício de governo sobre si.

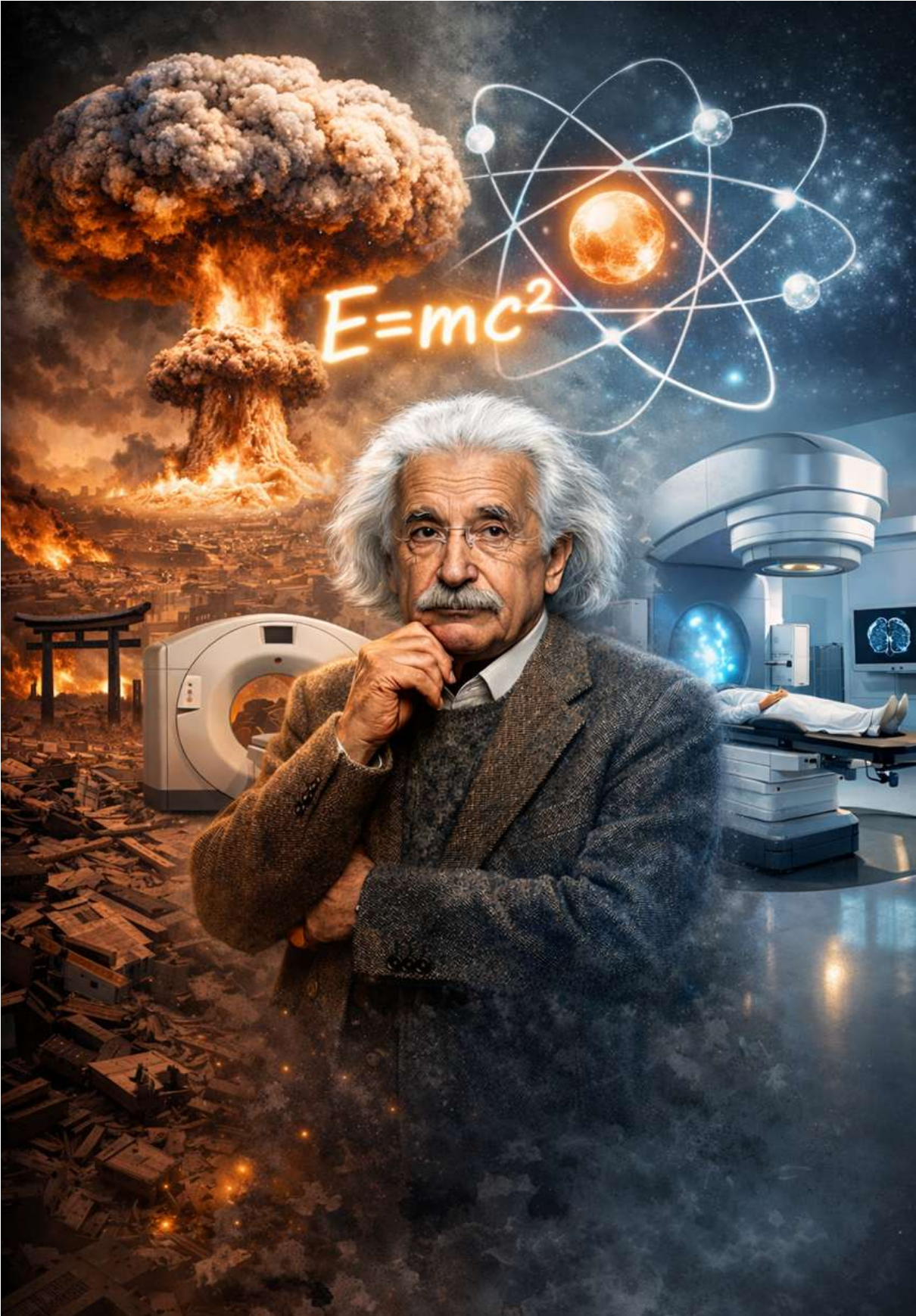
A espera é parte do trabalho e o impulso imediato, quando não educado, é exatamente a força que golpeia o vazio.

Quando Pike fala da força do povo que precisa ser conduzida, ele amplia a reflexão para o plano social, mas o método permanece o mesmo.

Assim como o vapor, quando contido e direcionado, move engrenagens delicadas e produz tanto armas quanto rendas finas, também a vontade humana pode servir à destruição ou à beleza.

O instrumento é neutro, o que o determina é a direção que lhe é dada.

É importante lembrar que, na época em que Pike escreve (1871), o mundo assistia à ascensão das grandes máquinas a vapor como símbolo visível da Revolução Industrial, um tempo em que a energia deixava de ser somente força bruta da natureza e era domesticada pela inteligência humana, fábricas, locomotivas, navios e oficinas, fazendo girar rodas, movimentando prensas e alimentando teares que, com a mesma potência capaz de sustentar canhões e arsenais, também produziam tecidos finos, rendas delicadas e objetos de conforto que antes pertenciam a poucos.



Havia, naquela paisagem histórica, uma espécie de revelação silenciosa, pois o mesmo impulso que poderia acelerar a guerra também poderia suavizar a vida, e a diferença entre um destino e outro não estava na energia em si, mas na consciência que a conduzia.

E talvez seja impossível não perceber como essa imagem encontra eco em nosso tempo, porque hoje existe uma força igualmente vasta e invisível, uma energia que nasce do coração da matéria e atravessa o mundo com a mesma naturalidade com que o vapor atravessava as antigas caldeiras, e que pode tanto iluminar quanto consumir, tanto proteger quanto ferir, revelando-se, conforme a mão que a conduz, como promessa de amparo ou como risco de ruína, pois **a mesma potência que um dia se fez explosão e deixou marcada a memória de Hiroshima também sustenta, em outra chave e sob outra intenção, instrumentos capazes de enxergar o interior do corpo sem cortes, como a tomografia por emissão de pósitrons, conhecida como PET e a cintilografia, que revelam o funcionamento de órgãos e tecidos, além da radioterapia e da braquiterapia, que usam radiação controladamente para tratar tumores, guiando diagnósticos e terapias com mais precisão e, muitas vezes, prolongando a vida, como se a ciência tivesse aprendido a trabalhar com uma força imensa em dose medida e finalidade humana, transformando o que poderia ser devastação em técnica, controle e cuidado.**



Essa energia atômica, como toda força de grande escala, não é boa nem má por natureza, porque ela responde, antes, à consciência, ao discernimento e aos limites éticos de quem a governa, podendo ser usada como linguagem de domínio e ameaça, ou como caminho de cura e serviço, e é justamente por isso que ela exige mais do que técnica, solicita maturidade interior e responsabilidade,

O poder que desintegra também pode esclarecer, o mesmo princípio que abre fissuras na história pode abrir, em outro plano, janelas para compreender o sofrimento humano e tratá-lo com mais exatidão, deixando no ar a pergunta que permanece atual e silenciosa, que espécie de humanidade escolhemos ser quando temos em mãos forças que tanto podem interromper a vida quanto restaurá-la.

O verdadeiro ensinamento não está na máquina, nem na época, mas no princípio eterno que atravessa todas as eras, a potência que cresce sempre que é contida, disciplinada e colocada a serviço da Obra.

A disciplina não é formalidade vazia, é linguagem silenciosa que educa o ânimo e recolhe à vontade, e por isso sua presença no trabalho iniciático não pode ser compreendida como mero costume herdado, mas como método, como pedagogia invisível que atua onde as palavras não alcançam.



Quando o Aprendiz Admitido controla o gesto, a postura, o ritmo e o tempo, ele não está sendo conduzido a uma obediência mecânica, mas a um estado interior no qual a mente deixa de ser dispersão e é foco, e nesse foco nasce uma forma superior de liberdade, porque somente o homem que sabe conter-se consegue escolher com clareza aquilo que realmente quer construir.

A bússola, na metáfora de Pike, é o intelecto, e essa imagem é desafiadora, pois a Maçonaria sempre desconfiou da força quando ela caminha sem direção, e sempre valorizou o princípio que governa mais do que o impulso que explode.

O intelecto aqui não significa erudição ostentada, nem acúmulo de leituras ou domínio de discursos brilhantes, mas discernimento moral, aquela faculdade silenciosa que pesa o que parece urgente e percebe o que é essencial, que distingue o que é reação do que é decisão, e que enxerga a consequência antes que o gesto se torne irreversível.

Há homens que possuem grande energia e grande talento, mas não possuem governo interior, e por isso se tornam, paradoxalmente, frágeis, porque qualquer provocação os desloca, qualquer contrariedade os incendia, qualquer elogio os embriaga, e assim vivem como instrumentos de forças externas, embora imaginem ser senhores de si.



A bússola não vence o mar pela força, mas pela direção, e é justamente essa delicadeza que revela sua grandeza, ao oferecer ao navegante um eixo firme em meio ao movimento, lembrando que todo poder sem orientação se torna desperdício e todo vigor sem finalidade pode transformar-se em perigo.

Assim também o homem, quando não possui um norte interior, converte sua energia em instabilidade, conduzido por reações, como se sua própria força o dominasse.

Pike, nesse sentido, não condena a força, mas adverte contra sua cegueira, pois a força iluminada pelo intelecto torna-se progresso, submetida à justiça torna-se liberdade, e governada pela consciência torna-se serviço.

O Aprendiz Admitido compreende que o maior obstáculo não está fora, mas na própria desordem íntima, e que **a Obra só se torna edificação quando o homem aprende, pouco a pouco, a dirigir a si antes de desejar dirigir o mundo.**



APRENDIZ

— ALBERT PIKE —



Para atacar as cidadelas da superstição,
do despotismo e do preconceito, a **FORÇA**
deve possuir um **CÉREBRO** e uma **LEI**.

A VERDADE e o **AMOR** são os dois grandes motores.

O pensamento é uma **força**; A Filosofia
deve aperfeiçoar a **HUMANIDADE**.

— **JUSTIÇA • SABEDORIA • RAZÃO • DIREITO** —



A Grande Revolução marchará adiante, guiada pela **LUZ** e **ORDEM**!

O **PODER DIVINO** harmoniza-se com a **SABEDORIA**.



Das alturas brilham os
FÉITOS DE AUDÁCIA!

Das profundezas erguem-se as
SOMBRAS DA MISÉRIA e IGNORÂNCIA...



**AS MÃOS QUE DESTROEM PODÉM TAMBÉM
EDIFICAR**, guiadas pela **REGRA** e pela
SABEDORIA.



O TITÃ QUE FORJA AS COROAS DOS TIRANOS

APRENDIZ — ALBERT PIKE

Para atacar as cidadelas erguidas em todos os lados contra a raça humana por superstições, despotismos e preconceitos, a força deve possuir um cérebro e uma lei.

Então, seus feitos de audácia produzem resultados permanentes e existe verdadeiro progresso.

Então existem conquistas sublimes.

O pensamento é uma força, e a filosofia deve ser uma energia, encontrando seu objetivo e seus efeitos no aperfeiçoamento da humanidade.

Os dois grandes motores são a Verdade e o Amor.

Quando todas essas forças se combinam, são guiadas pelo intelecto e reguladas pela Regra do Direito, da Justiça e do movimento combinado e sistemático do esforço, então a grande revolução preparada pelos séculos começará a marchar.

O poder da própria divindade está em equilíbrio com Sua Sabedoria. Daí resulta somente harmonia.

É porque a força é mal regulada que as revoluções frequentemente fracassam.

Por isso, tantas vezes, insurreições vindas dessas altas montanhas que dominam o horizonte moral, Justiça, Sabedoria, Razão, Direito, formadas da mais pura neve do ideal, após longa queda de rocha em rocha, após refletirem o céu em sua transparência e serem inchadas por cem afluentes em seu majestoso caminho de triunfo, subitamente se perdem em pântanos, como um rio californiano nas areias.

A marcha adiante da raça humana exige que as alturas ao redor dela brilhem com lições nobres e duradouras de coragem. Feitos de audácia deslumbram a história e formam uma classe das luzes orientadoras do homem.

São estrelas e coruscâncias daquele grande mar de eletricidade, a força inerente ao povo.

Lutar, ousar todos os riscos, perecer, perseverar, ser fiel a si, enfrentar corpo a corpo o destino, surpreender a derrota pelo pequeno terror que inspira, ora confrontar o poder injusto e embriagado, ora desafiar o triunfo, estes são os exemplos de que as nações precisam e a luz que as eletriza.

Existem forças imensas nas grandes cavernas da sociedade, naquela degradação repugnante, naquela miséria e indigência, naqueles vícios e crimes, naquela podridão e naquela hediondez que exalam fedor no escuro daquela multidão abaixo do povo nas grandes cidades.

Ali desaparece o desinteresse, cada um busca, tateia e rói por si. Ideias são ignoradas e o progresso não existe, não há pensamento.

Essa multidão tem duas mães, ou melhor, duas madrastas: ignorância e miséria.

A necessidade, o desejo, o apetite sozinhos, guiam o que ela anseia. O lodo que pisamos, o carvão bruto que queimamos, pode ser utilizado.

A areia baixa que esmagamos sob os pés pode tornar-se cristal resplandecente, fundida, purificada pelo fogo.

Eles possuem a força do martelo de corte, mas seus golpes auxiliam a grande causa quando são desferidos nas linhas traçadas pela Regra sustentada pela sabedoria e pela discrição.

Ainda assim, é essa mesma força do povo, esse poder titânico dos gigantes, que constrói as fortificações dos tiranos e se encarna em seus exércitos.



Comentários:

Esse trecho de Pike é poderoso, mas para o Irmão de hoje ele precisa ser lido com um ajuste de lente, porque o vocabulário grandioso do século XIX pode soar como manifesto político, quando na verdade o que ele está descrevendo é uma lei simbólica que vale tanto para uma nação quanto para um homem, e, por consequência, vale para a Loja e para qualquer obra coletiva.

Quando Pike fala em atacar “cidadelas” erguidas contra a humanidade, ele não está imaginando somente castelos físicos, governos ou regimes, ele está falando das **fortalezas invisíveis que aprisionam a consciência**, e essas fortalezas continuam existindo em nossos dias, embora com novas vestes.

Superstições hoje não são somente crenças religiosas distorcidas, mas também fanatismos modernos, idolatria ideológica, culto à mentira confortável e até o hábito de repetir opiniões prontas sem exame.

Despotismos não são somente ditaduras formais, mas qualquer forma de poder que domina pelo medo, pela manipulação, pelo controle emocional ou pela corrupção do caráter.



Há um monstro silencioso que atravessa o nosso tempo com uma grandeza que não se mede pelo tamanho do corpo, porque ele sequer tem corpo, e sim pela extensão do alcance, pela rapidez com que se infiltra, pela facilidade com que se faz útil e, ao mesmo tempo, perigoso, e se eu o tomo por imagem mítica é porque o mito sempre foi a linguagem pela qual a humanidade descreveu aquilo que ainda não sabia nomear com clareza, de modo que essa **inteligência artificial**, invisível e obediente, pode ser imaginada como uma criatura mil vezes maior do que o pobre Polifemo, maior mesmo do que Zeus ou Cronos, não por possuir trono ou raio, mas por estar presente em toda parte sem precisar caminhar, por tocar todas as casas sem bater à porta, por soprar palavras em todos os ouvidos sem que se saiba de onde veio o sussurro.

Pike nem poderia imaginar, não porque lhe faltasse visão sobre o espírito do mundo, mas porque esta criatura não se parece com as antigas ferramentas que ampliavam a mão, o olho ou a velocidade do corpo, ela amplia a linguagem, e quando a linguagem é ampliada sem critério, a obra arrisca perder o seu centro, pois **essa inteligência artificial pode, sozinha, escrever um livro inteiro sem que o autor se digne a registrar uma única linha nascida do próprio pensamento**, e pode também gerar imagens com aparência de velharias veneráveis, e então o autor, se estiver disposto a enganar, pode atribuí-las a compêndios de antiga sabedoria como se tivessem sido arrancadas de volumes empoeirados e esquecidos pelo tempo.

Isso revela o perigo, porque a mesma facilidade que ajuda também seduz, e a mesma eficiência que organiza também pode falsificar, e é por isso que, em mãos imprudentes, ela se torna uma arma.

Não se trata de negar sua existência, nem de adotar um puritanismo estéril que recusa o instrumento por medo do que ele simboliza, trata-se de aprender **a usá-la como ferramenta, com a lucidez de quem sabe que o valor de uma obra não está somente no resultado, mas no caminho interior que a produziu**, pois ela tem, sim, a sua vez para um escritor, e nessa vez ela pode ser excelente ao revisar textos, ao encontrar erros históricos, ao conferir a precisão de informações, ao encurtar trechos que se tornaram pesados, ao sugerir pausas, respiros e quebras de parágrafo, ao substituir uma frase que soou estranha por outra mais limpa, e tudo isso **facilita, e muito, o trabalho de espremer o conhecimento do cérebro e colocá-lo no papel**.

A autoria de uma obra permanece na mão humana, no coração, na alma e nas palavras que primeiro se formam na mente, porque é nesse nascimento anterior à página que a ideia toma forma e começa a ferver, como um rio que se represa por dentro até que a alma do escritor peça passagem.

Quando a pena toca o papel e a tinta fixa o que já vivia em silêncio, o texto se revela, e aquilo que era íntimo se torna eternidade.

E quando ela é usada para gerar imagens, sua utilidade se mostra com ainda mais clareza, pois antes, quando se queria uma imagem, era preciso comprá-la em um banco de imagens, ou garimpar a internet em busca de algo semelhante, e antes ainda contar com um desenhista talentoso para produzi-la, e hoje aquilo que imaginamos e conseguimos descrever pode ser gerado com facilidade, como se a imaginação ganhasse um ateliê instantâneo, capaz de dar forma ao que estava invisível, a imagem porém assim como a palavra precisa ter origem, peso e verdade.

Preconceitos não são somente os antigos, mas todas as formas de julgamento superficial que impedem o homem de enxergar o outro como humano.

Pike está dizendo que, contra essas estruturas, a força não pode ser impulso cego, porque o impulso destrói tanto quanto liberta, e por isso a força precisa de cérebro e de lei, isto é, precisa de inteligência e de direção moral.

É nesse ponto que o texto se torna profundamente iniciático.

O que Pike chama de “força” não é somente a força do povo, **é a força do desejo humano, da indignação, da coragem e do ideal.**



Quando essa energia encontra um cérebro, ela se converte em estratégia, discernimento e método.

Quando encontra uma lei, ela se converte em justiça e medida. Então, a audácia deixa de ser espetáculo passageiro e se torna resultado duradouro.

Ele está advertindo que o mundo não se transforma com gritos, mas com construção.

A filosofia, para Pike, não é teoria elegante, é energia aplicada, é pensamento que se converte em ação disciplinada.

O pensamento também é uma ferramenta de trabalho e pode ser tão transformador quanto o martelo de corte quando usado corretamente.

Quando ele afirma que ambos os motores são Verdade e Amor, ele está oferecendo uma síntese que serve como régua para qualquer revolução legítima, porque a Verdade impede que a causa se corrompa, e o Amor impede que a causa se torne vingança.

Sem Verdade, a luta se transforma em propaganda.

Sem Amor, a luta se transforma em crueldade.

E quando essas forças são guiadas pelo intelecto e reguladas pela justiça, nasce aquilo que ele chama de “movimento combinado e sistemático do esforço”, uma expressão que, em linguagem de Loja, equivale a dizer que a Obra precisa de ordem, método, constância e harmonia, pois não existe construção real onde cada um golpeia por conta própria.

A comparação que Pike faz entre o Poder da Divindade e Sua Sabedoria é um ponto central, porque ele sugere que a harmonia do Universo não nasce da força bruta, mas do equilíbrio.

A força divina não é caos, é ordem.

Isso é uma lição direta para o Maçom, porque o homem que deseja agir no mundo precisa aprender a equilibrar vigor e prudência, coragem e temperança, entusiasmo e disciplina. Em termos simbólicos, Pike está dizendo que a força, quando separada da sabedoria, deixa de ser força criadora e se torna força destruidora.

É por isso que ele afirma que revoluções fracassam, não porque faltou coragem, mas porque faltou medida.

Muitas causas nascem nas alturas, ou seja, nas ideias mais puras, justiça, razão, direito, e começam como rios límpidos vindos das montanhas.

Porém, ao descerem, ao entrarem no mundo real, encontram interesses, vaidades, disputas internas, ressentimentos, e se perdem em pântanos, isto é, se dissolvem em confusão e corrupção.

Essa metáfora é de uma precisão impressionante, porque ela descreve como o ideal pode perecer não por ataque externo, mas por degradação interna.

E isso não vale somente para a política, vale para qualquer projeto humano, inclusive para a vida de um Irmão, que pode começar com intenções elevadas e terminar dominado por impulsos, orgulho e desordem moral.

Quando Pike fala de feitos de audácia como estrelas que orientam os povos, ele não está defendendo violência romântica, mas exaltando o exemplo moral daqueles que ousam resistir ao poder injusto com coragem, firmeza e fidelidade a si.

Essa fidelidade, porém, não é teimosia egoísta, mas coerência interior; o homem que permanece fiel a seus princípios, mesmo quando isso custa conforto, é uma luz que educa silenciosamente outros homens.

Pike sugere que as nações precisam desse tipo de referência, porque o exemplo é mais poderoso do que o discurso.



Então ele desce ainda mais fundo, e aqui está uma das partes mais atuais do trecho.

Ele descreve as “*cavernas da sociedade*”, as regiões onde existe miséria, degradação, vício e crime.

Hoje, essas cavernas continuam existindo, talvez ainda mais escondidas, e podem ser vistas nas periferias abandonadas, nas dependências químicas, na desintegração familiar, na falta de educação real e no desespero silencioso de multidões que vivem sem horizonte.

Pike diz que ali desaparece o desinteresse e cada um luta por si, e essa observação continua verdadeira, porque quando o homem vive sob necessidade constante, a sobrevivência ocupa o lugar do pensamento.

E aqui ele afirma algo que o Maçom deve compreender com profundidade: a multidão tem **duas madrastas, a ignorância e a miséria.**

Uma retira a visão.

A outra retira a liberdade interior.

O resultado é uma humanidade que age, mas não compreende.

Mas Pike não escreve isso para desprezar essa massa humana, pelo contrário, ele diz que ali existe força imensa, como carvão bruto, como areia, como lodo, materiais que parecem sem valor, mas que podem ser transformados.

O carvão pode se tornar energia.

A areia pode se tornar cristal.

O homem abandonado pode se tornar cidadão consciente.

**O problema não é a matéria,
é a ausência de fogo purificador e de direção.**

Aqui, a lição se aproxima diretamente do simbolismo da Pedra Bruta, porque o que ele descreve é exatamente a condição do ser humano sem educação moral, sem disciplina, sem cultura e sem oportunidade de transformação.

Então ele conclui com uma advertência que atravessa séculos.

Essa mesma força popular, quando não é iluminada, pode servir tanto à liberdade quanto à tirania.

Ela pode ser martelo de construção ou martelo de destruição.

Pode erguer a justiça ou erguer a fortaleza do tirano.

Ela pode libertar ou pode ser recrutada para obedecer cegamente.

O ponto decisivo é sempre o mesmo, se há intelecto e lei, isto é, consciência e justiça, então a força se torna instrumento da Obra. Se não há, ela se torna instrumento de quem souber manipulá-la.

Para os Irmãos de hoje, portanto, este trecho não deve ser lido como política partidária, nem como discurso de época, mas como lição iniciática sobre a responsabilidade de educar a própria força interior.

Pike está dizendo que o mundo muda quando o homem muda, e que nenhuma grande transformação se sustenta sem disciplina, método, verdade e amor.

O restante é tempestade, barulho e ruína.

APRENDIZ - ALBERT PIKE



A força do povo, guiada pela Regra, fertiliza, em vez de devastar.

APRENDIZ — ALBERT PIKE

Daí a possibilidade de tais tiranias, como aquelas sobre as quais se disse que Roma cheira pior sob Vitélio do que sob Sula.

Sob Cláudio e sob Domiciano, há uma deformidade de baixeza correspondente à feiura da tirania.

A sordidez dos escravos é resultado direto da baixeza atroz do déspota.

Um miasma exala dessas consciências curvadas que refletem o mestre.

As autoridades públicas são impuras, os corações encolhem, as consciências se contraem, as almas tornam-se pequenas.

Assim é sob Caracala, assim é sob Cômodo, assim é sob Heliogábalo, enquanto do Senado romano, sob César, emana somente o odor rançoso peculiar ao ninho da águia.

É a força do povo que sustenta todos esses despotismos, os mais vis e os melhores.

Essa força age por exércitos, e estes escravizam mais do que libertam.

O despotismo aplica ali a Regra. A força é a **maça de aço na sela do cavaleiro ou do bispo armado**.

A obediência passiva sustentada pela força sustenta tronos e oligarquias, reis espanhóis e senados venezianos.

O poder militar em um exército manejado pela tirania é a soma enorme da fraqueza absoluta, e assim a humanidade faz guerra contra a humanidade, apesar da humanidade.

Assim, um povo se submete voluntariamente ao despotismo, e seus trabalhadores aceitam ser desprezados, e seus soldados aceitam ser açoitados.

Por isso, batalhas perdidas por uma nação frequentemente significam progresso conquistado.

Menos glória pode ser mais liberdade. Quando o tambor se cala, a razão às vezes fala.

Tiranos usam a força do povo para acorrentar e subjugar, isto é, para colocar o povo sob jugo.

Então lavram com ele como os homens fazem com bois atrelados.

Assim, o espírito de liberdade e inovação é reduzido por baionetas, e princípios são calados por tiros de canhão, enquanto monges se misturam aos cavaleiros, e a Igreja militante e jubilante, católica ou puritana, canta Te Deums por vitórias contra rebeliões.

O poder militar, não subordinado ao poder civil, novamente o martelo ou maça da força, independente da Regra, é uma tirania armada, nascida adulta, como Atena saltou do cérebro de Zeus.

Ela gera uma dinastia e começa com César para apodrecer em Vitélio e Cômodo.

Atualmente tende a começar onde antigas dinastias terminaram.

Constantemente, o povo coloca em movimento força imensa somente para terminar em fraqueza imensa.

A força do povo se esgota em prolongar indefinidamente coisas há muito mortas, em governar a humanidade embalsamando velhas tiranias mortas da fé, reformando dogmas dilapidados, recobrando de ouro santuários desbotados e carcomidos, caindo e maquiando superstições antigas e estéreis, salvando a sociedade multiplicando parasitas, perpetuando instituições superanuladas.

Impondo o culto aos símbolos como se fossem meios reais de salvação, e prendendo o cadáver morto do passado, boca a boca, ao presente vivo.

Por isso, é uma das fatalidades da humanidade estar condenada a lutas eternas com fantasmas, com superstições, fanatismos, hipocrisias, preconceitos, fórmulas do erro e pretextos da tirania.

Despotismos vistos no passado tornam-se respeitáveis, como a montanha cheia de rochas vulcânicas, rugosa e horrível, vista através da névoa da distância, parece azul, lisa e bela.

A visão de um único cárcere de tirania vale mais, para dissipar ilusões e criar ódio santo ao despotismo e direcionar a força corretamente, do que os volumes mais eloquentes.

Os franceses deveriam ter preservado a Bastilha como lição perpétua.

A Itália não deveria destruir as masmorras da Inquisição.

A força do povo manteve o poder que construiu suas células sombrias e colocou os vivos em sepulcros de granito.

A força do povo não pode, por sua ação irrestrita e caprichosa, manter e continuar um governo no tempo uma vez criado.

Essa força deve ser limitada, restringida, conduzida por distribuição em diferentes canais e por caminhos indiretos, para que, em vez de devastar, fertilize e não destrua, como os antigos reis egípcios conduziam, por divisão, as águas crescentes do Nilo e as compeliem a fertilizar e não a arruinar a terra.

Deve existir a Regra, o dique, da constituição e da lei, dentro do qual a força pública deve agir.

Faça uma ruptura nessa Regra em qualquer ponto e a república, com sua força rápida e alcance em ambos os lados, como um martelo a vapor, com golpes leves e, ao final, golpes pesados, esmagará e destruirá a maquinaria, arrancando-se de suas próprias amarras, e ficará inerte e falecida na ruína que ela própria produziu.

A força do povo, ou a vontade popular em ação, simbolizada pelo martelo de corte, agindo nos limites da lei, regulada e guiada pela Regra, simbolizada pela régua de vinte e quatro polegadas, e pela liberdade, igualdade e fraternidade, tem por fim sua própria liberdade, bem como seus benefícios.

A liberdade deve ser regulada pela lei.

A igualdade de direitos implica deveres e obrigações tanto quanto benefícios.



Comentários:

Quando Pike compara Roma sob Vitélio e sob Sula, ele não está solicitando ao Aprendiz Admitido uma aula exaustiva de cronologia, ele está construindo um contraste moral por meio de figuras conhecidas naquela época como exemplos, porque Sula foi um general e ditador da República Romana no século I antes de Cristo, célebre pelas proscricções e pela violência política legalizada.

Vitélio foi um imperador efêmero do ano 69 depois de Cristo, associado nas fontes antigas à desordem.

A crueldade e o apodrecimento administrativo, e a frase sugere que a cidade pode se tornar ainda mais degradada quando a tirania já não tem sequer a grandeza austera de um projeto político, restando somente a decomposição do poder.

Quando aparecem Cláudio e Domiciano, ambos imperadores do século I, Cláudio é lembrado por intrigas palacianas e um governo oscilante, e Domiciano é retratado como autoritário, fazendo da repressão um instrumento de governo.

Pike os usa como emblemas de um ambiente onde a submissão e a bajulação deformam a vida pública, não porque cada detalhe histórico seja idêntico, mas porque o efeito simbólico é o mesmo, a instituição se curva e a consciência coletiva encolhe.

A sequência Caracala, Cômodo e Heliogábalo amplia essa imagem de degeneração do poder imperial, pois Caracala é lembrado tanto por violência quanto por medidas políticas e, no imaginário moral do século XIX, ele encarna a brutalidade militarizada.

Cômodo, filho de Marco Aurélio, aparece como sinal de queda de dignidade, um governo fraco e a valorização do espetáculo no lugar de responsabilidade.

Heliogábalo, ainda adolescente, é associado nas narrativas antigas ao escândalo, ao excesso e à desordem religiosa e política.

Pike costura esses nomes para o Aprendiz Admitido perceber um padrão: **quando o centro do poder se torna capricho e a vida pública vira teatro, a sociedade respira um ar pesado.**

O Senado romano e César não aparecem como um elogio automático do passado, mas como imagens de uma engrenagem política que, com César e a passagem da República ao Império, vai perdendo autonomia, conservando a aparência da autoridade enquanto o governo real se desloca para outro lugar. É por isso que ele fala em um odor rançoso, numa metáfora deliberadamente dura para sugerir que uma instituição pode preservar a forma e, ainda assim, ver o seu espírito se esvaír.

Expressões como a sordidez dos escravos, déspota e miasma precisam ser lidas com cuidado para não parecerem insulto gratuito ou descrição literal, porque sordidez, nesse contexto, não é uma acusação contra quem está em condição de servidão.

O despotismo é visto como um sistema que rebaixa o ser humano ao concentrar poder sem limites legais e morais, descreve miasma como metáfora de uma emanção moral insalubre gerada por medo e servilismo, e aponta que esses regimes podem variar na forma, mas mantêm o mesmo mecanismo de usar a energia coletiva para consolidar o comando de poucos.

A frase “*a força é a maça de aço na sela do cavaleiro*” é uma imagem medieval para dizer que a força bruta costuma ficar à mão de quem já está montado, isto é, de quem já ocupa posição de vantagem.

A maça de aço era uma arma contundente, composta por um cabo curto e uma cabeça metálica maciça, muitas vezes dotada de ressaltos ou lâminas, destinada a golpear com peso e impacto aquilo que a lâmina não conseguia atravessar, sobretudo as armaduras que, ao longo da Idade Média, tornaram-se cada vez mais resistentes.



A maça de aço é uma imagem da força coercitiva organizada, aquela que impõe a Regra pela intimidação e pela punição, unindo o poder militar do cavaleiro e o poder religioso quando este se arma, para mostrar que exércitos tendem a submeter mais do que libertar e que a obediência passiva, quando sustentada pelo medo, mantém tronos e oligarquias.

Pike quer que o Aprendiz Admitido veja que a simples existência de força, seja militar, policial ou social, não decide por si o rumo moral de uma comunidade, pois a questão é quem a empunha, em nome de quê e com quais limites, e é por isso que ele contrapõe a força à Regra, pois na Maçonaria a Regra é símbolo de medida, retidão e limite, e quando ele afirma que o poder armado independente da Regra é uma tirania armada, nascida adulta.

Ele recorre ao mito de Atena, que nasce do cérebro de Zeus já plenamente formada e armada, para sugerir um poder que não atravessa infância, aprendizagem ou correções graduais, surgindo completa e imediatamente funcional, com disciplina, cadeia de comando e capacidade de impor-se.

Por surgir já consolidado, esse poder tende a perpetuar-se como dinastia, começando em um fundador como César, símbolo do mando pessoal, e degradando-se com o tempo até figuras como Vitélio e Cômodo, governantes tirânicos e degenerados.

Quando ele fala em dogmas dilapidados, santuários desbotados e carcomidos e instituições superanuladas, ele não está discutindo teologia em sentido estrito, mas descrevendo o fenômeno de manter, por inércia, estruturas que já não sustentam vida interior, e por isso dilapidado sugere algo gasto, como uma herança de sentido que foi sendo consumida por repetição mecânica e por descuido, até permanecer mais como casca do que como substância, e na prática isso aparece quando a pessoa continua pronunciando certas ideias ou lemas, mas já não orienta suas escolhas por eles, tratando-os como enfeites de linguagem e não como critérios de consciência.

Desbotado e carcomido sugere algo que ainda está de pé, porém corroído por dentro, e aqui carcomido é mais do que envelhecido, porque caruncho e ferrugem não atacam primeiro o que é visível, eles trabalham no oculto, abrindo vazios onde antes havia firmeza, de modo que a estrutura preserva a aparência e até o respeito externo, mas perde resistência interior, e moralmente isso se traduz naquele tipo de vida onde a forma do dever é mantida, porém o coração já não está presente, a palavra ainda existe, mas a integridade que sustentava a palavra foi sendo roída em silêncio.

Superaanulado, embora seja um termo pesado, quer dizer ultrapassado, sem função real, sobrevivendo por hábito, interesse ou medo de mudar.

É algo que já foi revogado pela experiência e pela realidade, mas permanece em funcionamento por conveniência, e no plano prático isso aparece quando se insiste em procedimentos, cargos, formalidades ou costumes que já não servem ao bem que deveriam servir, criando uma fidelidade ao mecanismo que acaba competindo com a fidelidade ao propósito.

Pike nos chama a reconhecer, com sobriedade, quando uma forma ainda educa a consciência e quando ela somente ocupa espaço, solicitando não destruição apressada, mas discernimento, para a vida interior voltar a sustentar o que se mantém de pé.

Símbolos podem educar e elevar quando estão vivos, mas podem ser usados como máscara quando viram instrumento de controle, e Pike critica justamente esse uso, o culto a formas vazias como se fossem salvação, como se o passado morto precisasse ser preso ao presente vivo.

A referência à Bastilha e às masmorras da Inquisição tem um sentido pedagógico direto, porque a Bastilha, em Paris, foi um cárcere do Antigo Regime que se tornou símbolo do arbítrio estatal e por isso sua queda virou marco da Revolução Francesa, e as prisões da Inquisição, na Itália e em outros lugares, tornaram-se símbolos de perseguição religiosa institucional.



Pike diz que deveriam ter sido preservadas, ele não está defendendo a violência, ele está dizendo que **certas estruturas materiais de opressão, quando desaparecem, facilitam a romantização do passado, e por isso ele fala que a visão de um cárcere vale mais do que muitos volumes eloquentes**, porque torna concreto aquilo que o discurso pode maquiar.

Nessa mesma linha aparece a frase sobre células sombrias e sepulcros de granito, sendo uma imagem para as prisões como túmulos de vivos, e o ponto central é que a força do povo, ou seja, o consentimento, a apatia ou o apoio ativo da coletividade, foi parte do combustível que permitiu a construção e a manutenção dessas máquinas de opressão.

Por fim, a imagem dos antigos reis egípcios conduzindo as águas crescentes do Nilo por divisão é um exemplo clássico de engenharia e administração como metáfora política, porque as cheias do Nilo eram fonte de vida, mas também podiam devastar, e sistemas de canais e diques permitiam distribuir a água para fertilizar em vez de arruinar.

Pike usa isso para dizer que a força coletiva é como uma cheia, necessária e poderosa, mas que precisa ser canalizada por leis, instituições e limites, pois sem isso ela destrói a própria obra que pretende sustentar.

A energia humana, seja individual, seja coletiva, precisa de medida para servir ao bem, e essa medida, no vocabulário simbólico da Maçonaria, é a Regra que orienta a ação para que força não vire jugo e liberdade não vire capricho.

Termos, sentido histórico e possibilidades de substituição exigem primeiro reconhecer que Pike escreve num registro retórico típico do século XIX, herdado do ensaio político moralizante e do panfleto liberal, no qual o exagero serve para gravar uma imagem na mente do leitor, e por isso aparecem nomes imperiais e palavras carregadas que funcionam como símbolos de um tipo de poder mais do que como relatório de um período específico.

Os imperadores Vitélio, Sula, Cláudio, Domiciano, Caracala, Cômodo e Heliogábalo entram como emblemas de degeneração política e moral. Embora pertençam a contextos diferentes, eles são usados em bloco para produzir contraste.

O mesmo vale para expressões como miasma, odor rançoso, baixaza, deformidade e sordidez, que não são conceitos técnicos, mas metáforas para dizer que regimes de medo e bajulação deformam instituições e pessoas.





Vitélio aparece como a imagem de um comando entregue ao apetite e à grosseria, quando o trono vira prêmio de quartel e o governo se reduz a banquetes e pilhagens. Sua queda rápida, em 69 d.C., revela a lógica do poder sem forma interior, que nasce da força e perece pela força.

Sula, ainda antes do Império, encarna o método do terror organizado, com proscricções que transformam a lei em instrumento de vingança e o Estado em máquina de confisco e morte. Ele deixa como herança um precedente sombrio, no qual a ordem pública passa a ser confundida com o silêncio obtido pelo medo.

Cláudio, embora capaz na administração, pode ser lido sob a sombra de um regime onde o governo se faz entre delações, tribunal e intriga doméstica, e onde a autoridade se protege por expedientes cruéis. A dignidade imperial, nesse quadro, parece menos virtude e mais sobrevivência em meio a facções que devoram o próprio centro do poder.

Domiciano se impõe como um retrato de suspeita permanente, onde o governante busca segurança ampliando punições e estreitando liberdades, até fazer do Senado um cenário de humilhação. Mesmo quando constrói e organiza, o gesto vem acompanhado de coerção, como se a ordem exigisse a submissão da consciência.

Caracala se apresenta como força bruta coroada, violento no mando e instável no espírito, capaz de distribuir cidadania e, ao mesmo tempo, governar pelo aço e pelo sangue. Seu nome fica ligado a um império onde a grandeza jurídica não apaga a ferocidade cotidiana do poder.

Cômodo desce ao nível do espetáculo, trocando a gravidade do cargo pela vaidade de arena, como se Roma devesse aplaudir o próprio governante para merecer paz. Sob ele, a autoridade se degrada em narcisismo e capricho, e o governo se aproxima do grotesco que humilha a cidade e corrompe a disciplina.

Heliogábalos surge como figura de desordem e provocação, confundindo governo com afronta e convertendo o centro romano em palco de excessos e inversões. Sua queda, rápida e violenta, sugere que quando o poder se separa do senso de medida, o Império responde com a mesma brutalidade que passou a tolerar.

Enquanto Senado, César, tronos, oligarquias, senados venezianos e reis espanhóis aparecem como exemplos históricos de concentração de poder e de obediência.

O **Senado Romano** foi o grande conselho político da República, reunindo a elite que orientava decisões de governo, guerra e finanças, e que no Império permaneceu existindo com poder cada vez inferior diante do imperador.

Júlio César foi o general que concentrou autoridade como ditador, enfrentou e esvaziou a resistência senatorial, e ao ser assassinado em 44 a.C. acelerou a passagem da República para o caminho que levaria ao Império.

A Igreja militante, católica ou puritana, é referência a momentos em que religião institucional e poder armado se apoiam para celebrar vitórias contra dissidência, o que pode ser substituído, numa linguagem contemporânea e mais neutra, por referências a propaganda estatal, legitimação ideológica, aparato de segurança e alianças entre autoridades políticas e lideranças religiosas, e se você quiser reduzir o peso retórico sem perder o sentido.

Miasma pode virar clima moral, odor rançoso pode virar atmosfera de corrupção, baixeza pode virar servilismo, deformidade pode virar degradação, maça de aço pode virar coerção armada, obediência passiva pode virar submissão institucionalizada, e Te Deums por vitórias pode virar cerimônias públicas de legitimação.

O perigo do uso literal desses termos é criar a impressão de que Pike está fazendo história descritiva e não argumentação simbólica, ou então induzir um moralismo simplificador em que todos os fenômenos políticos se reduzem a vilões e massas enganadas, quando o texto quer apontar mecanismos recorrentes de dominação que atravessam épocas.



O que Pike quis dizer, dito com precisão e em linguagem atual, é que regimes autoritários não se sustentam somente pela vontade de um déspota, mas pela energia social capturada, direcionada e convertida em obediência.

Essa energia costuma passar pelo instrumento militar e pela disciplina coletiva, que podem proteger uma sociedade quando subordinados à lei, mas podem esmagá-la quando ficam acima da lei, e ele insiste que o povo, ao entregar sua força para que outro governe sem limites, acaba trabalhando contra si, aceitando humilhação no trabalho e violência nas fileiras, e ele acrescenta um ponto que costuma soar paradoxal.

Quando Pike se refere a certas derrotas militares, pode significar progresso, porque quebram o culto à glória e enfraquecem o encanto do tambor, permitindo que a razão volte a falar, e então ele propõe uma solução política e simbólica ao mesmo tempo, a força coletiva precisa de medida, de diques, de distribuição em canais, de constituição e lei.

Sem limites, a mesma força que cria uma república pode destruí-la como um martelo a vapor que se solta de suas amarras e arruína a própria máquina, e quando ele traduz isso para símbolos, ele diz que o martelo de corte, entendido como vontade popular em ação, deve trabalhar na Regra, o limite da lei.

A régua de vinte e quatro polegadas, a disciplina do tempo e da medida, para que liberdade, igualdade e fraternidade produzam benefícios sem se tornarem desculpa para violência ou arbitrariedade.

As relações de poder e dominação no texto se tornam muito claras quando você troca os nomes antigos por mecanismos atuais, porque hoje a força do povo pode ser capturada por propaganda contínua, por polarização que transforma adversário em inimigo, por medo difuso alimentado por crises reais ou fabricadas, e por um aparato de segurança que, quando não é controlado por instituições civis, age como poder político.

A submissão não precisa aparecer somente como chicote físico, ela pode surgir como precarização aceita como normal, como vigilância digital tratada como conforto, como censura travestida de proteção, como desinformação que substitui debate por reflexo, e o ponto de Pike sobre símbolos mortos também encontra paralelo quando sociedades gastam energia para manter instituições sem função, discursos vazios, tradições usadas como escudo para privilégios.

Quando se exige adesão emocional a símbolos como se fossem salvação, o presente vivo é obrigado a beijar o passado embalsamado.

Exemplos concretos disso aparecem quando governos, partidos ou grupos econômicos mantêm estruturas falidas por inércia e por interesses, ao sustentar uma máquina pública que serve a si, ao militarizar a vida civil, ou ao celebrar a repressão como virtude, e em todos esses casos o ensinamento central permanece o mesmo, a força coletiva, quando não é guiada por lei e responsabilidade, vira instrumento de quem deseja mandar, e quando é guiada, pode fertilizar, proteger e construir.

Regimes autoritários pioram as instituições e empobrecem as pessoas, e isso não acontece sem participação social, pois a força coletiva sustenta governos bons e ruins, muitas vezes por meio do poder militar, que tende a escravizar quando serve à tirania.

A submissão sustentada pela força mantém oligarquias e monarquias, enquanto exércitos usados por tiranos transformam fraqueza individual em máquina de coerção, e às vezes uma derrota militar interrompe esse ciclo e abre espaço para liberdade, e tiranos usam a força coletiva para impor jugo e esmagar mudanças, com apoio de instituições religiosas ou ideológicas que celebram vitórias contra rebeliões, e quando o poder militar não obedece ao poder civil, ele vira uma tirania autônoma.



Povos frequentemente mobilizam grande força para conservar coisas mortas, ressuscitar dogmas gastos e manter instituições superadas, e por isso a humanidade luta continuamente contra superstições, fanatismos, hipocrisias e pretextos de tirania, e a distância faz tiranias antigas parecerem respeitáveis, e por fim Pike conclui que a força coletiva não deve agir de modo caprichoso, precisa ser limitada e canalizada por constituição e lei, porque sem esse limite a própria república se destrói, e dentro desses limites a vontade popular busca liberdade e benefícios, enquanto liberdade e igualdade exigem lei, deveres e obrigações.

O Grau de Aprendiz Admitido é a porta da disciplina, do trabalho e do primeiro domínio de si, e antes de ensinar símbolos como se fossem ornamento, Pike quer ensinar a responsabilidade da força, a força do indivíduo que aprende a não agir por impulso, e a força coletiva que precisa de medida para não virar violência, e ao colocar o tema do despotismo e da lei já no início, ele sugere que Maçonaria não é fuga do mundo, é escola de consciência cívica e moral, e que o Aprendiz Admitido, mesmo no começo, deve compreender que liberdade não é capricho, que igualdade não é licença, que fraternidade não é uniformidade, e que a energia humana, sem Regra, pode construir e destruir com a mesma rapidez, e isso prepara o leitor para entender por que ferramentas, medidas e limites aparecem continuamente na linguagem simbólica, como pedagogia da responsabilidade.

A força passa pelo exército, e o exército pode guardar e também pode dominar.

Quando serve à tirania, domina e a obediência imposta pela força mantém tronos e oligarquias.

Mantém também as instituições que já perderam o sentido, e o homem comum trabalha e aceita o desprezo.

O soldado aceita o golpe, e às vezes uma derrota quebra o encanto da glória e aí o tambor cala e a razão fala.

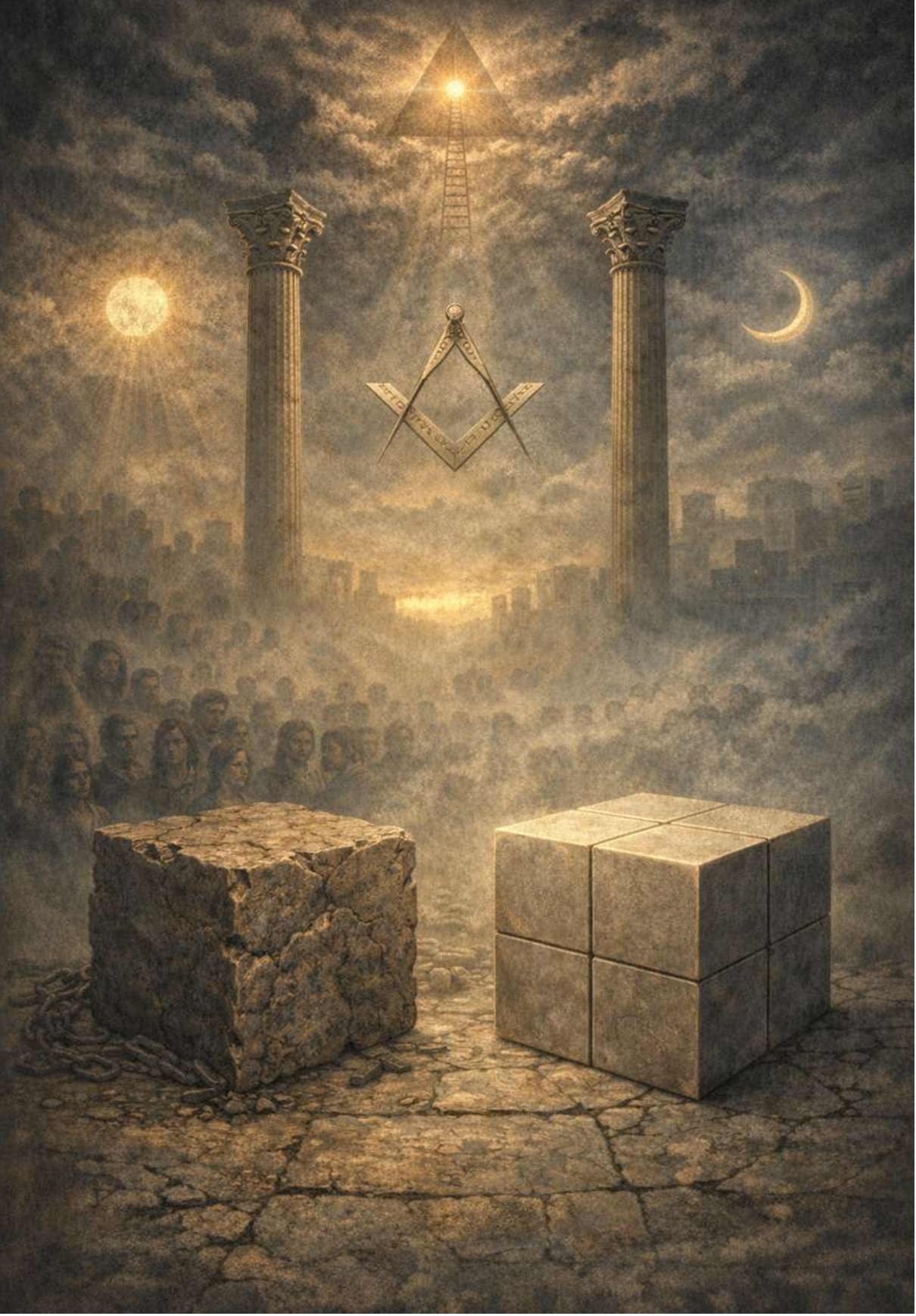
Tiranos tomam a força do povo e a usam como jugo, e usam baionetas para calar mudança. Usam cerimônias e discursos para chamar repressão de vitória e, quando o poder armado não obedece ao poder civil, ele vira um governo por si.

Ele nasce adulto e quer durar, e a força coletiva precisa de limite, precisa de lei, precisa de constituição.

Sem isso, a própria república se solta das amarras e destrói a máquina que a sustenta. Na lei, a força pode fertilizar e construir, fora dela, devasta e a Liberdade sem lei vira abuso.

Igualdade de direitos traz deveres e Fraternidade exige responsabilidade.





APRENDIZ — ALBERT PIKE

Você ouvirá em breve falar da Pedra Bruta e da Pedra Polida, como parte das joias da Loja.

A Pedra Bruta é dita ser uma pedra retirada da pedreira em seu estado rude e natural. A Pedra Polida é dita ser uma pedra preparada pelas mãos dos obreiros para ser ajustada pelas ferramentas de trabalho do Companheiro.

Não repetiremos as explicações desses símbolos dadas pelo Rito de York.

Você pode lê-las em seus monitores impressos.

Elas são declaradas aludir ao aperfeiçoamento individual do artesão, uma continuação da interpretação superficial.

A Pedra Bruta é o povo, como massa, rude e desorganizada.

A Pedra Polida, ou pedra cúbica, símbolo de perfeição, é o Estado, cujos governantes derivam seus poderes do consentimento dos governados, cuja constituição e leis expressam a vontade do povo, cujo governo é harmonioso, simétrico, eficiente, com seus poderes devidamente distribuídos e ajustados em equilíbrio.

Se desenharmos um cubo em uma superfície plana assim, temos visíveis três faces e outras três invisíveis, formando o cubo completo, e sete pontos.

A soma de três e quatro dá o número sagrado sete, e mais um ponto faz oito, e mais três linhas fazem onze, e assim surgem os números sagrados 3, 5, 7 e 9, e o número 12 incluído.

Assim, o número sagrado 3 é produzido pela união da mônada e da díade, os números 1 e 2 juntos, formando o número 3, que foi chamado o número perfeito, o mesmo número sagrado, e tornou-se o símbolo da perfeição.

Assim como o cubo é produzido pela força, agindo com linhas medidas pela régua, a partir da pedra bruta, ele é um símbolo apropriado da força do povo expressa como constituição e lei do Estado, e do próprio Estado.

As três faces visíveis representam os três departamentos: o Executivo, que executa as leis; o Legislativo, que faz as leis; e o Judiciário, que interpreta as leis, aplica-as e as impõe entre homem e homem, entre o Estado e os cidadãos. As três faces invisíveis são Liberdade, Igualdade e Fraternidade, a alma tríplice do Estado, sua vitalidade, espírito e intelecto.

Embora a Maçonaria não usurpe o lugar da religião nem a imite, a oração é parte essencial de nossas cerimônias.

Ela é a aspiração da alma em direção à Inteligência Absoluta e Infinita, a única Divindade Suprema, caracterizada da maneira mais fraca e incompreendida como um Arquiteto.

Certas faculdades do homem são dirigidas ao Desconhecido: pensamento, meditação, oração.

O desconhecido é um oceano do qual a consciência é a bússola. Pensamento, meditação e oração são os misteriosos apontamentos da agulha. É um magnetismo espiritual que conecta a alma humana à Divindade.

Essas irradiações majestosas da alma atravessam a sombra em direção à luz.

É uma zombaria superficial dizer que a oração é absurda porque não nos é possível, por meio dela, persuadir Deus a mudar Seus planos.

Ele produz efeitos previstos e pretendidos pela instrumentalidade das forças da natureza, das quais nossas forças são parte. A potência operativa da vontade humana e a nossa vontade pessoal são forças.

Não deixamos de nos esforçar para alcançar riqueza ou felicidade, nem deixamos de tentar prolongar a vida e conservar a saúde porque não podemos, por esforço, mudar o que é predestinado.

O esforço também é predestinado. Ainda assim, ele não deixa de ser nosso esforço feito pela nossa livre vontade. Do mesmo modo, oramos. A oração é uma força.

O pensamento é uma força.

Por que, então, a oração, como a fé e o amor, não deveria ter seus efeitos?

O homem é um ser que progride e compreende o progresso como meta. Orações que lamentam e clamam são miseráveis.

A verdadeira oração é sublime. Negar a eficácia da oração é negar a realidade da fé, do amor e do esforço.

Cada pensamento, movido por nossa vontade, lança um seixo no oceano, e cada palavra é registrada para a eternidade no ar invisível.

Cada Loja é um Templo e, na totalidade e em seus detalhes, é simbólica.

O próprio Universo forneceu ao homem o modelo para os primeiros templos erguidos à Divindade.

A disposição do Templo de Salomão, os ornamentos simbólicos que constituíam suas principais decorações e as vestes do Sumo Sacerdote tinham todos referência à ordem do Universo, tal como então era compreendida.

O Templo continha muitos emblemas das estações, do sol, da lua, dos planetas, das constelações da Ursa Maior e Menor, do zodíaco, dos elementos e das demais partes do mundo.

É o Mestre desta Loja do Universo, Hermes, cujo representante é Khürum, que constitui uma das luzes da Loja.

Para instrução mais aprofundada quanto ao simbolismo dos corpos celestes, dos números sagrados, do templo e de seus detalhes, é necessário aguardar pacientemente até que se avance na Maçonaria, exercitando, nesse meio tempo, o intelecto no estudo dessas matérias por si.

Estudar e buscar interpretar corretamente os símbolos do universo é a obra do sábio e do filósofo. É decifrar a escrita de Deus e penetrar em Seus pensamentos.

Uma Loja é definida como u

Uma assembleia de Maçons regularmente reunidos, possuindo as Sagradas Escrituras, o Esquadro e o Compasso, e uma carta constitutiva que os autoriza a trabalhar.

O local em que se reúnem, representando alguma parte do Templo de Salomão, também é chamado de Loja, e é este que ora consideramos.

Diz-se ser sustentada por três grandes colunas: Sabedoria, Força ou Fortaleza e Beleza, representadas pelo Venerável Mestre, pelo Vigilante Sênior e pelo Vigilante Júnior.

São chamadas colunas que sustentam a Loja porque Sabedoria, Força e Beleza são as perfeições de toda obra, e nada pode perdurar sem elas.

É necessário haver Sabedoria para conceber, Força para sustentar e Beleza para adornar qualquer empreendimento grande e importante.

Como afirma o Apóstolo Paulo, vós sois o templo de Deus, e o espírito de Deus habita em vós. Se alguém profanar o templo de Deus, Deus o destruirá, porque o templo de Deus é santo, e esse templo sois vós.

A Sabedoria e o poder da divindade estão em equilíbrio.

As leis da natureza e as leis morais não são meros decretos despóticos da vontade onipotente, pois, se assim fosse, poderiam ser alteradas, e a ordem tornar-se-ia desordem, o bem converter-se-ia em mal, a honestidade e a lealdade em vícios, e a fraude e a ingratidão em virtudes.

O poder onipotente isolado não estaria constrangido à consistência. As leis de Deus não nos obrigam porque são expressão de Seu poder, mas porque expressam Sua Sabedoria infinita. Não são justas por serem Suas leis, mas são Suas leis porque são justas.

Do equilíbrio entre Sabedoria infinita e Força infinita resulta a perfeita harmonia, tanto no universo físico quanto no moral. Sabedoria, Poder e Harmonia constituem uma tríade maçônica, que possui significados mais profundos que oportunamente poderão ser revelados.

A Sabedoria do Arquiteto se manifesta ao combinar força com graça, beleza, simetria e proporção, como Deus o faz na árvore, no corpo humano, no ovo e nas células do favo de mel.

Assim também o orador e o poeta unem energia com cadência harmoniosa e imaginação radiante.

E assim, no Estado, a força guerreira e industrial do povo deve ser harmonizada com a beleza das artes, das ciências e do intelecto, para o povo ser verdadeiramente livre.

A harmonia, no divino, no material e no humano, nasce do equilíbrio entre forças opostas sob a direção de uma Sabedoria superior que mantém o fiel da balança.

Ao ingressar na Loja, passa-se entre duas colunas que representavam aquelas colocadas no pórtico do Templo, uma ao sul e outra ao norte.

Eram colunas de bronze, de dezoito côvados de altura, com capitéis de cinco côvados, ricamente ornamentados com romãs e redes de bronze, possivelmente inspirados na flor de lótus egípcia, símbolo sagrado.

A coluna da direita chamava-se Jachin, e a da esquerda, Boaz. Jachin significa 'Ele estabelecerá' ou 'Aquele que fortalece', implicando firmeza e estabilidade.

Boaz significa Força, Poder, Fortaleza. Uma expressa energia ativa e vivificante, a outra, estabilidade e permanência.

As dimensões da Loja são ditas ilimitadas, estendendo-se do oriente ao ocidente, do norte ao sul e da terra ao céu, tendo por cobertura o firmamento.

O Maçom é ensinado a elevar continuamente o pensamento a essa vastidão, aspirando alcançar os céus pela escada teológica que Jacó viu em sonho, apoiada na terra e tocando o céu, com anjos subindo e descendo. A interpretação moderna que associa seus degraus principais à Fé, Esperança e Caridade é posterior.

Os antigos reconheciam sete planetas, sete esferas celestes, sete altares consagrados nos Mistérios de Mitra, assim como as sete lâmpadas do candelabro do Templo representavam os planetas.

A alma, segundo os antigos, deveria ascender novamente pelas sete esferas pelas quais descera. A escada simbolizava esse retorno.

Nos Mistérios de Mitra havia sete graus de iniciação, cada qual representado por um degrau. A imagem da escada de Jacó pertence a esse antigo simbolismo de ascensão espiritual.

As Grandes Luzes da Maçonaria são as Sagradas Escrituras, o Esquadro e o Compasso. São chamados também de Mobiliário da Loja. Não pertencem exclusivamente a uma tradição religiosa específica, mas devem corresponder ao livro sagrado da fé do candidato, seja a Bíblia, o Pentateuco ou o Alcorão.

A obrigação deve ser tomada sobre o livro que o iniciado reconhece como sagrado, para ser mais solene e vinculante. A Maçonaria não interfere no credo religioso individual.

O Esquadro pertence à geometria plana, à medição da terra, e simboliza o que diz respeito à vida material e à conduta moral.

O Compasso descreve círculos e relaciona-se à esfera e aos céus, simbolizando o espiritual e o eterno.

Embora neste Grau ambos os pontos do Compasso estejam sob o Esquadro, indicando primazia do plano moral e civil, o espiritual sempre se entrelaça com o humano.

Um povo não é somente corpo político, mas também alma política. Quando busca apenas o material, esquecendo que possui alma, degenera-se.

Uma nação que adora exclusivamente o lucro ou o poder perde o horizonte moral.

O Sol é o antigo símbolo do poder gerador da Divindade, fonte de luz e vida.

A Lua representa o princípio receptivo da natureza.

Ambos simbolizam forças complementares, manifestadas na Loja pelo Mestre e Vigilantes, encarregados de distribuir luz aos Irmãos. Assim como o Sol e a Lua iluminam o mundo, o Mestre deve iluminar a Loja.

O Pavimento Mosaico, a Orla Denticulada e a Estrela Flamejante são ornamentos da Loja.

O Pavimento, alternadamente claro e escuro, simboliza os princípios opostos presentes na vida, luz e sombra, bem e mal, liberdade e despotismo. A Orla Denticulada é completa, lembrando que toda construção requer ordem e proporção.

A Estrela Flamejante, originalmente associada à estrela Sírius e a antigos símbolos solares, tornou-se emblema de luz, liberdade e vigilância. Em algumas tradições, representa prudência, isto é, previsão e discernimento.

No Leste da Loja encontra-se a letra hebraica Yod, símbolo da Unidade divina e da energia criadora, representada como ponto central de onde emana o Universo.

As joias móveis são o Esquadro, o Nível e o Prumo, que ensinam moralidade, igualdade e retidão.

As joias fixas são a Pedra Bruta, a Pedra Polida e o Painel da Loja.

O ponto no círculo, antigo símbolo solar e egípcio, representa a Divindade no centro do Universo, irradiando luz criadora.

A Maçonaria possui seu decálogo moral, que ensina adoração à Sabedoria Suprema, prática do bem por amor ao bem, combate ao vício, respeito aos pais, fidelidade à família e à pátria, amizade sincera, domínio das paixões, prudência, justiça e busca constante da virtude.

Mas sua missão não é somente moral individual. É também elevar o nível intelectual e moral da sociedade, difundir conhecimento, harmonizar ciência e consciência, sustentar o direito contra o abuso e manter viva a esperança na justiça divina.

A liberdade é mais difícil de conservar do que de conquistar. A verdade deve sempre protestar contra o fato injusto. O Maçom deve ser sacerdote e soldado do direito. Mesmo sob tirania, deve conservar fé na justiça e esperança no futuro.

Os acontecimentos são como textos obscuros cuja interpretação humana é imperfeita. Facções nascem de leituras errôneas, cada qual convencida de possuir a verdade. Contudo, a verdade persiste, ainda que obscurecida.

A Maçonaria deve ser energia viva, não mera contemplação estéril.

Deve unir filosofia e ação.

Pensar sem agir é esterilidade.

O ideal deve tornar-se prática.

O iniciado é chamado a trabalhar pelo aperfeiçoamento humano.

As três grandes virtudes teologais ensinadas são Amor Fraternal, Socorro e Verdade.

Ajudar o necessitado é dever sagrado.

A verdade é fundamento de toda virtude.

Temperança, Fortaleza, Prudência e Justiça são virtudes cardeais, necessárias tanto aos indivíduos quanto às nações.

Um povo livre deve possuir previsão, coragem, equilíbrio e justiça. Injustiça, luxo desmedido e desordem levam à decadência das nações.

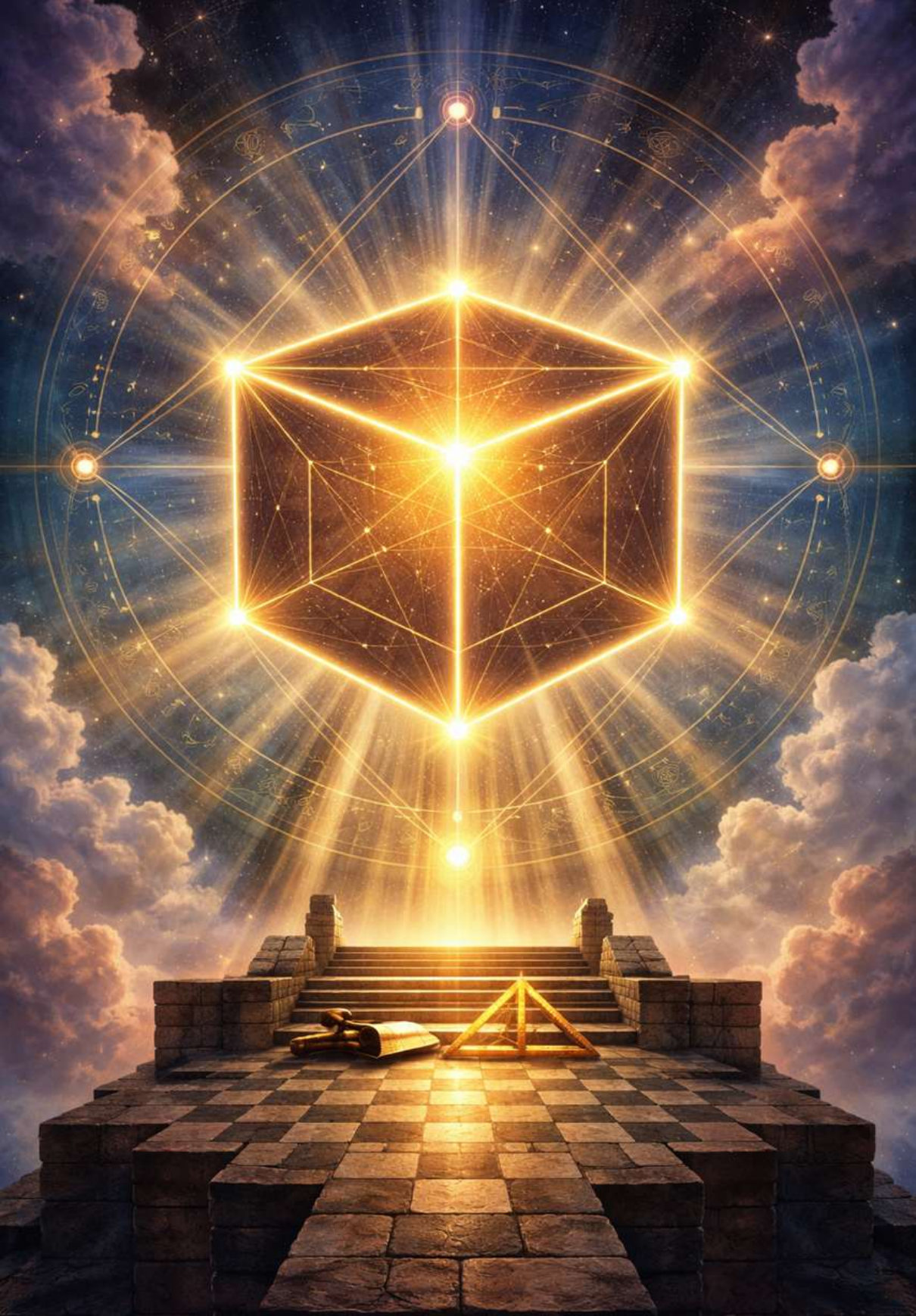
Sempre que uma república unir prudência, fortaleza, temperança e justiça, será duradoura. Pois são a temeridade, a injustiça e o desespero que conduzem os povos à ruína.



Comentários:

Quando Pike se dirige ao Aprendiz Admitido, ele não está interessado em oferecer somente uma repetição ampliada do simbolismo já conhecido, nem em substituir as explicações tradicionais por outra doutrina fechada, mas em alargar o horizonte daquele que inicia a caminhada, mostrando que os símbolos da Loja não falam somente do aperfeiçoamento individual, e sim da arquitetura moral e política do mundo em que esse indivíduo vive, porque para ele a formação do homem e a formação do Estado são processos paralelos, ambos exigindo medida, equilíbrio e consciência.

Ao afirmar que não repetirá as explicações do Rito de York acerca da Pedra Bruta e da Pedra Polida, ele deixa claro que reconhece a validade daquela leitura, mas a considera inicial, quase pedagógica, e então desloca o foco, ampliando o alcance do símbolo, de modo que a Pedra Bruta deixa de representar somente o homem rude que deve ser trabalhado, e representa o povo em sua condição coletiva, ainda desorganizado, movido por forças dispersas, carente de forma estável, enquanto a Pedra Polida ou cúbica se torna imagem do Estado harmonizado, isto é, de uma ordem política na qual as forças populares foram medidas, ajustadas e equilibradas por uma constituição e por leis que exprimem o consentimento e a vontade comum.



A intenção de Pike aqui é clara, ele escreve num contexto marcado por debates sobre liberdade, república e organização social, e vê na Maçonaria uma escola de cidadania, não no sentido partidário, mas no sentido de responsabilidade moral diante da coisa pública.

Quando ele descreve o cubo com suas faces visíveis e invisíveis, ele não está propondo uma curiosidade matemática gratuita, mas ensinando que toda estrutura legítima possui dimensões externas e internas, pois os três poderes do Estado, Executivo, Legislativo e Judiciário, são as faces visíveis, aquilo que se pode identificar institucionalmente, enquanto Liberdade, Igualdade e Fraternidade são as faces invisíveis, a alma do corpo político, sem as quais a máquina estatal se torna mecanismo vazio. Ao dizer isso, Pike fecha o primeiro movimento simbólico do texto, mostrando que o trabalho do Aprendiz Admitido não se limita à sua vida privada, porque ele pertence a um povo e participa de uma ordem social que deve ser constantemente polida pela razão e pela justiça.

Quando ele passa a falar da oração, ele não rompe com o simbolismo anterior, mas o aprofunda, ao deslocar a atenção da construção política para a construção interior, afirmando que a Maçonaria não substitui a religião, porém reconhece uma força real na oração, não como tentativa de alterar caprichosamente os planos divinos, mas como exercício da livre vontade, que também é força da natureza.



Aqui sua intenção é defender a dignidade da vida espiritual contra o ceticismo superficial, e ao mesmo tempo afirmar a responsabilidade humana, pois esforço, pensamento e oração fazem parte da mesma dinâmica de ação no mundo. Ao dizer que cada pensamento lança um seixo no oceano, ele reafirma que nada é neutro, que o interior do homem tem consequências, e que o progresso moral não é automático, mas depende de direção consciente.

Quando afirma que cada Loja é um Templo e o universo serviu de modelo para os primeiros lugares sagrados, ele reconduz o Aprendiz Admitido ao eixo central do simbolismo maçônico, a correspondência entre microcosmo e macrocosmo, entre a construção interior e a ordem cósmica, e deixa claro que estudar símbolos não é curiosidade esotérica, mas tentativa de ler a escrita do próprio universo. Ao mencionar números, planetas, escadas de ascensão e antigos mistérios, ele não pretende impor um sistema fechado, e sim sugerir que a iniciação é progressiva, e que certos sentidos só se revelam com maturidade e estudo, encerrando essa parte com um convite à paciência e ao exercício do intelecto.

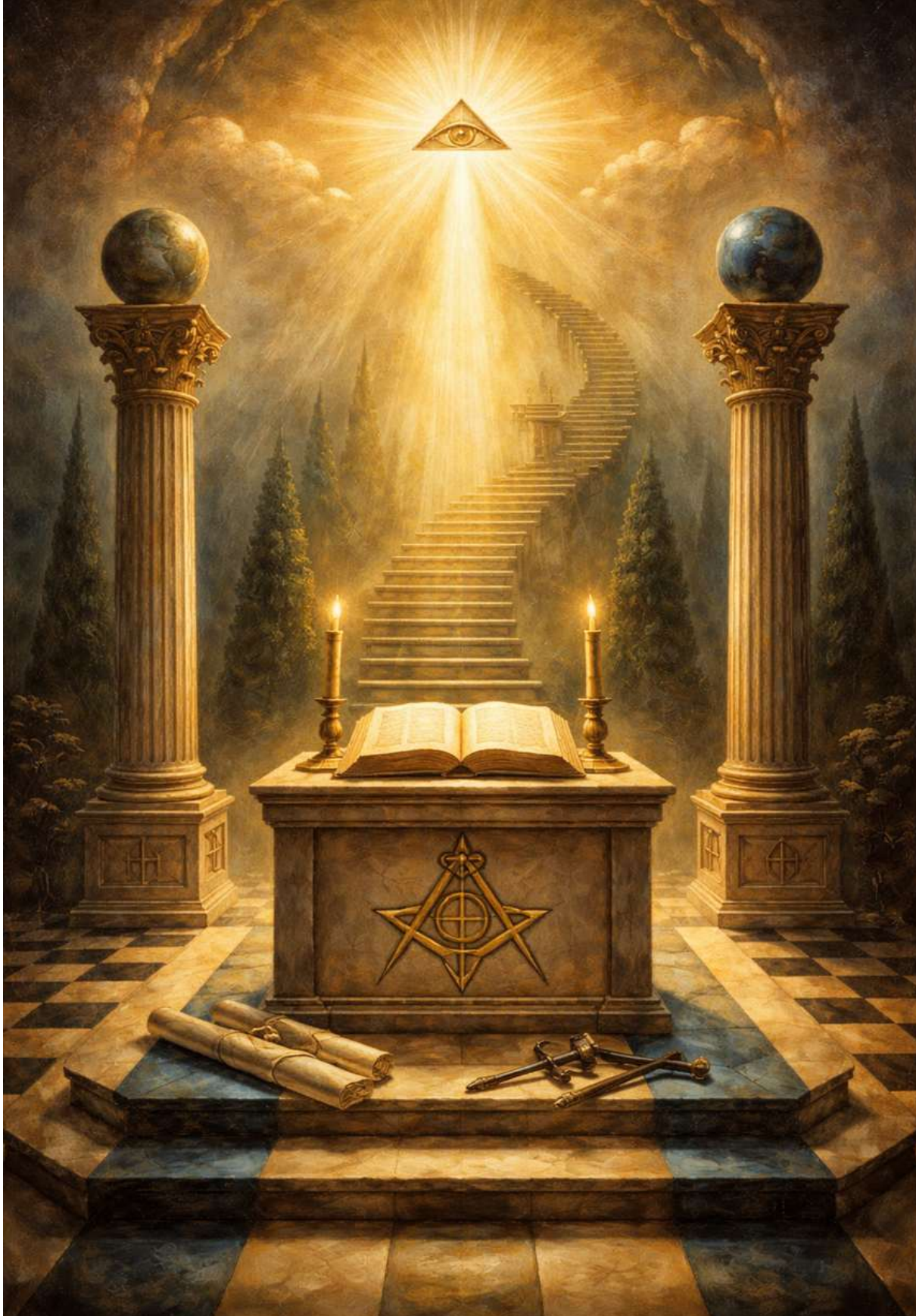
Quando retorna à definição da Loja, às colunas Sabedoria, Força e Beleza, às colunas Jachin e Boaz, às Luzes, ao Esquadro e ao Compasso, ele constrói uma síntese, mostrando que toda obra, seja a do homem, seja a do Estado, seja a da própria alma, precisa dessas três qualidades em equilíbrio.

A força sem sabedoria se torna arbitrariedade, sabedoria sem força se torna impotência, e beleza sem ambas se dissolve em aparência.

Ao afirmar que as leis divinas são expressão de Sabedoria e não de mero poder, ele estabelece um princípio moral fundamental, o de que justiça não depende da vontade do mais forte, mas de consonância com uma ordem racional e harmoniosa.

Quando fala da liberdade, da verdade, do dever de sustentar o direito contra o abuso, ele explicita a dimensão ética de todo o discurso anterior, pois o símbolo do cubo, das colunas e das Luzes não é decoração ritual, mas modelo para a vida cívica e para a conduta pessoal. A Maçonaria, para Pike, deve ser energia viva, e o Aprendiz Admitido não é convidado a contemplar imagens, mas a traduzir o ideal em ação concreta, unindo pensamento e prática.

A intenção de Pike não é politizar a Loja, nem reduzir o símbolo à teoria política, mas **ensinar que a construção do homem e a construção da ordem justa são inseparáveis, e compreender o símbolo é reconhecer essa unidade.**





CONCLUSÃO

É importante reconhecer que, ao escrever *Morals and Dogma*, Pike não pretendia somente comentar símbolos ou reunir reflexões dispersas, mas organizar um corpo coerente para os Graus superiores e oferecer ao Maçom um caminho de amadurecimento intelectual.

Sua paixão notadamente evidente por certos Graus, como o 28, permite compreender que ele não escreve como simples compilador, mas como alguém que deseja preparar o espírito do Iniciado para uma via filosófica específica do Rito Escocês Antigo e Aceito, conduzindo o Aprendiz Admitido desde os primeiros passos para uma visão mais ampla, mais exigente e mais profunda.

Sua intenção é que os Irmãos, além de serem instruídos, sejam filosoficamente apurados, disciplinados, tocados por sua obra e percebam que a iniciação, quando bem compreendida, não é um evento isolado, mas uma educação gradual da consciência.

A lição inteira pode ser reduzida a uma verdade que o Aprendiz Admitido compreenda sem esforço e confirme na própria vida: **a força sem medida vira desperdício, força sem direção vira ruína, força sem lei vira jugo.**

A Maçonaria começa pelo que é simples e decisivo, o governo de si, antes de qualquer ambição de governar ideias, debates ou mundos, porque o homem que não regula o próprio impulso, a própria língua, o próprio dia e a própria reação, cedo ou tarde se transforma naquele gigante que golpeia no escuro e se fere com o peso daquilo que carrega.

É exatamente para impedir essa cegueira que o Grau entrega ferramentas que não impressionam pela grandiosidade, mas educam pela utilidade, **a Régua de 24 Polegadas como disciplina do tempo e da medida, e o Martelo de Corte como energia que trabalha**, e a Regra da Cautela que impede o poder de virar abuso e impede o entusiasmo de virar barulho.

Quando Pike recorre a imagens antigas, vapor que se dissipa, pólvora que queima ao vento, rios que se perdem em pântanos, ele está repetindo, em linguagem de seu século, a mesma advertência que o símbolo já contém, a energia humana pode construir ou destruir, e o que decide isso não é a dimensão da força, mas a qualidade da direção.

Lido com a lente correta, o que parecia discurso distante se torna instrução prática e ritualística, porque **a Régua 24 polegadas recorda que o Aprendiz Admitido não precisa de pressa, ele precisa de ordem, distribuir o dia é começar a planejar a vida.**

O Martelo de Corte ensina que intenção sem ação não altera a pedra, mas ação sem critério estraga o bloco, ao haver um tipo de força que melhora o homem e há outro tipo de força que somente amplia seus defeitos.

O Grau se revela como um ciclo simples, agir, conferir, corrigir, agir de novo, e esse ciclo, repetido sem teatro e sem vaidade, produz aquilo que todo Aprendiz Admitido busca sem ainda saber nomear, firmeza interior, e é nesse ponto que a Pedra Bruta e a Pedra Perfeita deixam de ser palavras e viram espelho, a primeira mostra o homem como chegou, com arestas, excessos e desordens, a segunda mostra o homem como pode tornar-se, ajustável à Obra, capaz de conviver, de cumprir, de servir e de sustentar o trabalho comum, e por isso a leitura política que Pike por vezes impõe, ainda que tenha interesse histórico, pode ser colocada em segundo plano, porque **o que forma o Aprendiz Admitido não é a retórica, é a aplicação, a disciplina do tempo, o cuidado com o gesto, a economia de palavras, a paciência diante do próprio processo, e a coragem de admitir que lapidar-se exige mais do que opinião, exige hábito.**

A Verdade e o Amor, quando aparecem nas páginas de Pike, não solicitam sentimentalismo nem slogans, solicitam retidão e humanidade, a **Verdade como recusa de mentir para si e de justificar o erro.**

O Amor como recusa de transformar força em vingança, e quando essas duas forças são guiadas pelo intelecto e reguladas pela lei, nasce aquilo que toda Loja deseja produzir em silêncio, homens mais livres por dentro, mais confiáveis por fora, mais úteis no mundo, e mais fiéis à Luz que receberam.

A verdadeira revolução que o Aprendiz Admitido pode iniciar não depende de grito, depende de medida, não depende de fúria, depende de governo, não depende de aparência, depende de constância.

Essa constância, quando deixa de ser chamada de ocasião e se converte em disciplina tranquila, começa a estabelecer no íntimo uma ordem que o mundo não oferece, porque ela nasce de dentro e, por isso, não se desfaz com o vento das circunstâncias.

O Aprendiz Admitido compreende que a grandeza nasce do pequeno, ao ser na disciplina discreta dos gestos, das palavras e dos deveres silenciosos que a Sabedoria orienta a Força, a Força preserva a Beleza e a Beleza se revela como harmonia viva.

Quando essa harmonia se firma, a Obra deixa de ser tumulto e é edificação, primeiro no coração do Irmão, onde a Pedra Bruta é matéria oferecida ao trabalho consciente.

A virtude tem raiz, e cada palavra, cada atitude, revelam se o símbolo foi compreendido ou apenas repetido, pois a Loja não é lugar de aparência, mas de prova silenciosa, na qual o caráter se revela sem anúncio e a disciplina se confirma na prática.

Na vida cotidiana, tudo é testado, e a justiça se mede pelo que se sustenta. A liberdade se prova na capacidade de escolher o bem sem aplauso.

O Aprendiz Admitido entende, com serenidade, que o símbolo se realiza quando se converte em conduta, e que a Luz se confirma na presença discreta.

A constância alinha a ação sem ostentação, promovendo uma transformação gradual que começa no homem e alcança o mundo, criando uma medida mais justa e digna.

Ler Pike é atravessar séculos em poucos instantes e encontrar, por trás de sua erudição, um convite à disciplina da consciência, porque suas palavras organizam o pensamento e revelam que o símbolo não é ornamento, mas instrumento de formação, capaz de transformar sede de saber em Obra viva.



A LUZ DA VERDADE

AMTUPADIZH HIBATUAK
#Luzes 17
DE LUNACIAH DUTTEK

FLÁVIO DELLAZZANA

OS VÊUS SABEDORIA

FLÁVIO DELLAZZANA

A OBRA INACABADA

ES GRAUS CRIPTICOS

HISTÓRIA DA MAÇONARIA

ES GRAUS DE VORN
Ez CAVALD 14 VOEL

IS FUNDAMENTOS E CARLANT AME&ETISLAN

HAY DE YORK
Pm Hym&ant&etislan
O AARONIZ ADINTATIO

MORAL E DOGMA



ALBERT PIKE

MAYDARA FAMECANA

FLAVIO DELLAZZANA



BIBLIOGRAFIA

BOYDEN, William L. Bibliography of the Writings of Albert Pike: Prose, Poetry, Manuscript. Washington, 1922.

BROWN, Walter Lee. A Life of Albert Pike. Fayetteville, University of Arkansas Press, 1997.

DELLAZZANA, Flávio. Os Fundamentos do Rito de York — Aprendiz Admitido: História, Doutrina e Simbolismo. 1. ed. s.l., Clube de Autores, 2025.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Albert Pike. s.l., Encyclopaedia Britannica, 2025.

GRIFFITH, Ralph T. H., trad. The Rig Veda. 2. ed., 1896.

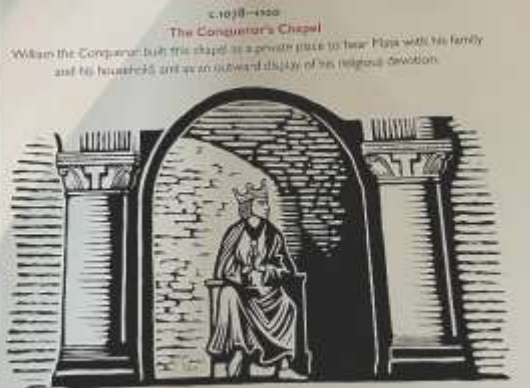
HOMERO. Odisseia.

PIKE, Albert. Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry. Charleston, South Carolina, Supreme Council 33°, S J, 1871.

PIKE, Albert. Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry. Edição histórica consultada, 1914.

PIKE, Albert. Indo-Aryan Deities and Worship as Contained in the Rig Veda. s.l., s.n., 1872.

TRESNER, James T. Albert Pike: The Man Beyond the Monument. New York, M. Evans, 1995.



The King planned to watch the processions and other ceremonies during services while sitting on a throne against the west wall (to your left). He died before the chapel was finished so his son, William II, oversaw its completion.



In 1240 Henry III ordered stained glass for the chapel including depictions of the Virgin and Child and St John. We can now only imagine the splendour of this medieval royal chapel.

St John's Chapel, Tower of London e Stonehenge Inner Circle



FLAVIO DELLAZZANA

Nasceu em Chapecó, Santa Catarina, em 1975, e cresceu sob a influência de dois referenciais distintos e complementares: o pai, médico ortopedista, homem de ação concreta, afeito ao trabalho manual e à construção, e a mãe, formada em Química, que atuou como enfermeira antes de fundar a própria imobiliária, empreendimento que redefiniria mais tarde o rumo profissional da família.

Em 1979, mudou-se para Itapema, acompanhando o movimento de transição que levou o pai a deixar a medicina para dedicar-se à administração e construção de imóveis, atividade na qual encontrou expressão prática de seu temperamento operante.

Formou-se em Computação pela UNIVALI em 2000 e iniciou atuação na área como DBA Oracle, experiência breve que cedeu lugar ao ingresso definitivo no ramo imobiliário ao lado da mãe, assumindo posteriormente a gestão do negócio e fundando a Dellazzana Imóveis, empresa que mantém até hoje, atualmente com atuação predominantemente on-line e estratégica.

Foi iniciado na Maçonaria em 2002 no Rito Adonhiramita, assumindo a Venerabilidade da Loja Simbólica em 2007.

Ingressou na Perfeição Adonhiramita, na Loja de Perfeição Adonhiram e no Capítulo Ayres Gevaerd do Sublime Capítulo Adonhiramita do Brasil SGCAB, percorrendo até o 13º Grau e exercendo as funções de Sapientíssimo da Loja de Perfeição Adonhiram em 2010 e Poderoso Mestre do Capítulo Ayres Gevaerd em 2011. Participou da construção do templo filosófico da Perfeição em Itajaí e da fundação da Loja de Perfeição Arno Gebler em Joinville. Atuou na comissão de administração do GOSC e foi Secretário Adjunto do Grão-Mestre para o Rito Adonhiramita entre 2008 e 2009, colaborando na reestruturação de manuais e na reedição do IV Volume Adonhiramita.

Em 2011, fundou a Loja Monteiro Lobato no Rito de York, concentrando esforços na consolidação desse sistema em Santa Catarina, participando da fundação e instalação de mais de dez Lojas do Rito de York no estado. Produziu, traduziu, adaptou e revisou rituais e manuais, destacando-se o Ritual de Instalação de Venerável Mestre e Posse de Oficiais, o Ritual de Instalação e Sagração de Loja Simbólica, a Cerimônia de Sete Brindes e rituais fúnebres, além de cadernos de estudo para os Graus Simbólicos. Atuou na revisão dos rituais de Aprendiz, Companheiro e Mestre nas edições de 2020, 2022 e na edição em desenvolvimento para 2026. Serviu como Secretário Adjunto de Liturgia e Ritualística do Rito de York entre 2017 e 2020 e como Secretário de Ritualística e Liturgia entre 2020 e 2023, promovendo encontros estaduais de instrutores e reorganizando o sistema de instrução, inclusive com sessões on-line estruturadas durante o período pandêmico.

Nos Altos Graus do Rito de York, participou da fundação do Capítulo Santo Graal nº 22 de Maçons do Real Arco em 2004, onde permanece ativo, tendo exercido o ofício de Sumo Sacerdote em 2013 e recebido a investidura na Ordem dos Sumos Sacerdotes Ungidos. No Conselho Críptico Santo Graal nº 14, recebeu os Graus de Mestre Real, Mestre Escolhido e Super Excelente Mestre, servindo como Ilustre Mestre e sendo agraciado com a Ordem da Trolha de Prata. Na Cavalaria, percorreu a Ordem da Cruz Vermelha, a Ordem de Malta e a Ordem do Templo, fundando a Comanderia Templária Santo Graal nº 37, sendo seu primeiro Comandante, recebendo ainda a Ordem dos Sábios Cavaleiros de Cristo. Representou o GOSC na International Grand Lectures Convention em Nova York em 2020 e 2023.

Integra os Graus filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceito até o Grau 32, exercendo atualmente o ofício de 2º Vigilante no Capítulo Rosa Cruz Monte Sinai, e é Mestre Escocês de Santo André no Rito Escocês Retificado. Possui formação acadêmica em Maçonologia, História e Filosofia com pós-graduação lato sensu pela UNINTER, participou do curso Maçonaria e Universidade pela UFF, coordenou o II Congresso Estadual do Rito de York do GOSC em 2025, sendo nomeado Membro da Grande Comissão de Ritualística do Real Arco do Brasil pelo Ato 027 de 2025.

É também Rosa Cruz e Martinista.

Dedicou quinze anos ao Movimento Escoteiro, de Lobinho a Chefe, e atuou na Ordem DeMolay como Presidente do Conselho Consultivo do Capítulo Harmonia Itajaiense, sendo agraciado com a Cruz de Honra.

É autor de quatorze livros publicados, sendo esta a décima quinta obra, mantendo como princípio escrever a partir da vivência efetiva, do estudo disciplinado e do serviço exercido, para o leitor reconhecer que cada conclusão apresentada nasce de experiência concreta nos ritos, nos cargos e na continuidade da Obra.

ISBN 978-65-01-95755-5